



TIPOLOGIA BÍBLICA

Pr João Antônio de Souza Filho

SUMÁRIO

LIÇÃO I – A BÍBLIA E OS TIPOS	11
DEFININDO O QUE É TIPO?	16
O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO NO NT	20
COMO OS PRIMEIROS CRISTÃOS RECORRERAM AOS TIPOS DO AT PARA EXPLICAR OS ACONTECIMENTOS DO NT	20
USANDO FIGURAS E ALEGORIAS	32
ATIVIDADES - LIÇÃO I	41
 LIÇÃO II – FIGURAS E ALEGORIAS	43
FIGURAS EM HEBREUS E APOCALIPSE	54
GÊNESIS E SEU COMPLEMENTO NO APOCALIPSE	67
ATIVIDADES – LIÇÃO II	71
 LIÇÃO III – OS NÚMEROS E ELEMENTOS DA BÍBLIA / JESUS CRISTO NOS SALMOS	73
O SENTIDO ESPIRITUAL DOS NÚMEROS E DE ELEMENTOS DA BÍBLIA	75
O SENTIDO ESPIRITUAL DE ALGUNS ELEMENTOS	82
VENDO CRISTO NOS SALMOS	87
ATIVIDADES – LIÇÃO III	104
 LIÇÃO IV – FIGURAS DE LINGUAGEM	105
ATIVIDADES – LIÇÃO IV	129
 LIÇÃO V – AS FIGURAS DO ZODÍACO À LUZ DA BÍBLIA	131
ATIVIDADES – LIÇÃO V	155
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157

Lição I

A Bíblia e os Tipos

A BÍBLIA E OS TIPOS

O estudo de tipos, antítipos e símbolos da Bíblia se constituem numa das matérias mais impressionantes para o estudante da Bíblia. Porque esta matéria é como uma janela que se abre para o grande universo da Bíblia permitindo que o estudante interprete os enigmas, símbolos, tipos e analogias.

Se o estudante não obedecer a certos critérios e regras de interpretação bíblica poderá incorrer em erros interpretativos. Por exemplo, ao falar da igreja como noiva de Cristo e das bodas do Cordeiro, a comparação serve apenas para que o estudante entenda a unidade entre Cristo e a igreja, ou o amor de Cristo por seu povo. Assim como o noivo anela encontrar a noiva, Cristo anela encontrar a igreja, mas a comparação não pode ir além, achando que haverá relação sexual entre o Cordeiro e a noiva.

Os judeus não-cristãos não gostam do uso de tipologia do AT pela simples razão de que os apóstolos aprenderam a identificar nos tipos e figuras do AT a Pessoa de Cristo e a Igreja. Como não aceitam a Jesus como Messias, quaisquer figuras bíblicas do AT que se relacionem com a Pessoa de Cristo são por eles rejeitadas. Os apóstolos entenderam que os acontecimentos do NT tinham sombras e figuras no Antigo Testamento, e aprenderam a relacioná-las com Cristo e a igreja.

Neste curso de tipologia abordam-se tipos, e sua classificação. Um quadro comparativo entre Gênesis e Apocalipse mostra o quanto os dois livros se complementam. Gênesis, o livro dos começos tem seu cumprimento no livro de Apocalipse, o último da Bíblia.

Os símbolos usados pelos profetas se constituem também num estudo revelador e agradável. Andar nu, como fez Isaías, ou circular pela cidade com cangas ao pescoço, como o fez Jeremias; dormir de um lado só, como Ezequiel eram símbolos que os profetas usavam para comunicar uma verdade divina.

Uma das lições é sobre o sentido espiritual dos números da Bíblia, tema que ajudará o estudante a passear pelas páginas da Bíblia Sagrada deslumbrando-se diante das maravilhas de Deus. O estudante deve se deter apenas nos números da Bíblia em que o significado seja mais específico, sem criar ou imaginar um sentido para cada número só porque as letras do hebraico e do grego têm sentido numérico.

O curso oferece aos seus alunos um estudo completo dos Salmos compostos de cinco livros que correspondem, cada um a um dos livros do Pentateuco.

As comparações estão limitadas pela própria palavra de Deus, e é preciso entender que algumas expressões ou termos têm de ser analisados à luz das figuras de linguagem.

Nessa apostila o aluno dispõe de uma lista de figuras de linguagem e seus sentidos que o ajudarão a entender certos textos bíblicos. Ao examinar cada figura de linguagem o aluno, além de aumentar seu conhecimento de português, poderá examinar cada texto bíblico alusivo descobrindo uma riqueza escondida (Lição 4).

O estudante tem, diante de si um estudo inovador, inédito, que é o sentido dos signos do zodíaco, não como veem os esotéricos, mas como são vistos nas Escrituras e na história. É um tema delicado, que, se não for tratado com o devido respeito e conhecimento poderá causar problemas àqueles que ouvem o estudante pregar (lição 5). Os signos do zodíaco são apresentados ao estudante para que se complete definitivamente a ideia de que Deus é Absoluto e que planejou todo o universo, colocando o planeta Terra entre os grandes astros.

Quando comparado aos demais planetas a Terra é apenas um pontinho pequeno no grande Universo da Criação de Deus. E, mesmo a terra com toda sua beleza e magnificência não é tão importante, isto é, Deus não dá tanto valor às plantas e aos seres que vivem na terra, mas, seu cuidado especial é com o homem. Todo esse grande Universo foi feito por causa do homem! Eis a soberania divina!

As figuras de linguagem e o sentido dos signos do zodíaco foram colocados neste módulo como lições para que o aluno os utilize como fonte de informação e de pesquisa, especialmente porque em nenhum estudo de tipologia em língua portuguesa o aluno encontrará algo similar que o autor estudou e preparou para equipar os santos para o ministério, conforme Efésios 4.11-12. *“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”.*

O Autor

DEFININDO BÍBLICAMENTE UM TIPO

I. DEFININDO O QUE É TIPO

A) TIPO

Objeto que serve de modelo, figura, exemplo, sinal ou sombra.

1) A palavra grega *tupos* no NT aparece pela primeira vez no texto de João 20.25 como **sinal**. “Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o **sinal** dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei”. Aqui a palavra sinal é *tupos* (tipo).

2) Aparece como **exemplos** em 1 Coríntios 10.6 onde diz: “Ora, estas coisas se tornaram **exemplos** para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram”.

B) ANTÍTIPO

Um antítipo é uma figura que representa uma coisa ou pessoa, e aparece, geralmente como um símbolo profético.

Ao longo do estudo o estudante aprenderá a fazer suas próprias descobertas definindo alguma coisa como tipo ou antítipo no Antigo Testamento. Nem sempre o estudante se depara nos textos da Bíblia em português com a palavra ‘tipo’ ou ‘antítipo’, como aparece no original.

James Hastings afirma que “ainda que *tupos* e *antítipo* estejam no original, ‘tipo’ e ‘antítipo’ são termos teológicos e não termos das Escrituras”. Teologicamente, tipo é uma

pessoa ou coisa da dispensação do AT que representa e prefigura uma pessoa ou coisa no NT.” (Hastings, *Dictionary of the Apostolic Church*, Scribners, Vol. II p 623).

1) Dependendo da versão bíblica que o estudante utiliza – e é recomendável que o estudante tenha pelo menos três versões diferentes – poderá observar as seguintes ocorrências de **tupos** no NT.

- a) Como “figura” aparece outras duas vezes em Atos 7.43 e Romanos 5.14.
- b) Duas vezes como modelo ou padrão em Tito 2.7 e Hebreus 8.5.
- c) Em Atos 7.44 aparece traduzida como modelo.
- d) A palavra “termo” é usada em Atos 23.25;
- e) Uma vez aparece como “forma” em Romanos 6.17.
- f) E sete vezes como “exemplo” (1 Co 10.6,11; Fp 3.17; 1 Ts 1.7; 2 Ts 3.9; 1 Tm 4.12 e 1 Pe 5.3).

2) Três outras palavras do NT expressam a mesma ideia:

- a) A primeira é “**sombra**” (Hb 10.1). Como se a substância ou a realidade estivesse no futuro lançando uma sombra sobre a velha realidade. Sombra é o resultado de um objeto. Uma sombra nunca é perfeita, porque dependendo do ângulo da incidência da luz sobre o objeto a sombra não reproduz o objeto. Por isso existem interpretações diferentes quando um modelo bíblico é visto apenas como sombra. Agora, na prática, basta seguir a sombra que se chegará ao objeto que a produz. No caso da Bíblia segue-se a sombra e chega-se a Cristo e

a Igreja. O mesmo acontece com os sinais. Um sinal, uma cura ou milagre aponta para o autor do milagre, Cristo. As pessoas costumam se agarrar ao sinal e esquecem que o sinal aponta para algo perfeito, para o Autor.

b) O segundo termo é “**parábola**” (Hb 9.9). O tabernáculo com seu serviço foi aceito como uma parábola para o tempo presente, mostrando a realidade que viria.

c) O terceiro termo é “**cópia**”, palavra que denota um rascunho ou um desenho de algo futuro, invisível (Hb 9.23). O tabernáculo e sua mobília e serviço eram cópias ou rascunho das coisas celestiais.

C) QUAIS OS SENTIDOS DE UM TIPO?

Para que seja um tipo verdadeiro, devem-se buscar três qualidades essenciais:

Primeiro. Tem de ser um retrato fiel da pessoa ou coisa daquilo que representa ou prefigura. Um tipo é o rascunho ou bosquejo da redenção, e deve ser bastante claro para se assemelhar ao antítipo. Por exemplo, Arão é um tipo obscuro do sumo sacerdote que aponta para o grande sumo sacerdote, Cristo, e o dia da expiação em Israel uma figura ou retrato da obra expiatória de Cristo (Lv 16).

Segundo. Um tipo deve indicar algo divinal. Como tal deve servir de semelhança ao antítipo. Tanto o tipo quanto o antítipo são preordenados como partes do programa da redenção. Só Deus pode apontar os tipos.

Terceiro. Um tipo sempre prefigura algo do futuro. Um tipo bíblico predito numa profecia possui a mesma substância e difere somente na forma. E deve ser distinguido entre um símbolo e um tipo. Um símbolo pode representar uma coisa do presente ou do passado, e também do futuro. Por

exemplo: Os símbolos envolvidos na santa ceia apontam para o passado, para o presente e para o futuro. Um tipo sempre aponta para o futuro e deve conter um elemento profético ou preditivo em si.

D) A CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS:

Primeiro. Uma coisa ruim não pode servir de tipo de uma coisa boa.

Assim, os tipos de personagens bíblicos cujas vidas ilustram algum princípio ou verdade da redenção, são os positivos.

Como Adão que é descrito como *“figura do que haveria de vir”* (Rm 5.14). Mais adiante o estudante encontrará algumas descrições de pessoas do AT que eram antítipos ou figuras de Cristo.

Segundo. Os tipos históricos que se tornaram figuras e sombras que a Providência proveu para o futuro. Por exemplo.

É possível usar a libertação da escravidão do povo do Egito; a jornada no deserto; a conquista de Canaã; a chamada de Abraão, a libertação etc. como tipo da igreja – Israel peregrinando no deserto; e de uma pessoa.

Abraão representa o homem que tem fé, mas também “os da fé” que são o povo de Deus.

Terceiro. Os tipos ritualísticos como o altar, as oferendas, o sacerdócio, o tabernáculo e sua mobília. São coisas que prefiguram algo que aconteceria sob as bênçãos de Deus no NT.

Há que se ter cuidado para usar as figuras no sentido correto.

II. O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO NO NT

O estudo de tipos, símbolos, antítipos etc. só são possíveis à luz do ensinamento de Jesus e dos apóstolos no NT.

O conceito de tipologia como se vê no Novo Testamento não é um fenômeno isolado *“mas, o resultado natural da revelação profética do AT que Jesus e os evangelhos descobrem como resultado da revelação feita aos pais no passado”* (Hastings). Por exemplo, o cumprimento de Isaías 61.1ss está em Lucas 4.21. Quer dizer, o tipo apresentado no AT se cumpre em Jesus no NT. Daquele dia em diante Jesus começou a dizer que as profecias do AT estavam nele se cumprindo e que seus ouvintes tinham o privilégio de presenciar (Mc 7.6; Mt 13.17).

É preciso entender que a profecia e o tipo andam lado a lado nas Escrituras, e às vezes nem percebidas são, como em Isaías 28.16 e 1 Pe 2.6 onde a pedra é Cristo.

A) CRISTO, E AS FIGURAS OU TIPOS DO ANTIGO TESTAMENTO NELE SE REVELANDO.

1) COMPARANDO-SE A PERSONAGENS E EVENTOS DO AT

- a) O próprio Jesus mencionou que Jonas, em algum momento tipificava sua morte e ressurreição (Mt 12.40).
- b) Sua própria existência era maior que a de Salomão (Mt 12.42).
- c) Até mesmo o dilúvio prefigurava a vinda dele para reinar na terra (Mt 24.37ss).
- d) A serpente que Moisés levantou no deserto foi usada por Jesus como figura profética da verdade de que Jesus, o

Filho do Homem deveria ser levantado da terra (Jo 3.14).

III. COMO OS PRIMEIROS CRISTÃOS RECORRERAM AOS TIPOS DO AT PARA EXPLICAR OS ACONTECIMENTOS DO NT?

A) O PROGRESSO DAS FIGURAS E TIPOS NA REVELAÇÃO APOSTÓLICA.

Irineu, ao redor do ano 178 quando era bispo das igrejas de Lyon utilizou muitos dos exemplos do AT como figuras para explicar o NT. Especialmente porque naqueles dias os gnósticos rejeitavam os ensinamentos do AT e afirmavam que este não deveria ser aceito como canônico. Irineu escreve sua obra clássica que permanece até hoje *Contra as Heresias*. (O estudante pode conhecer os escritos de Irineu de Lião adquirindo os cinco volumes de *Contra as Heresias* - editados pela Editora Paulus).

Utilizando os acontecimentos do NT à luz das figuras e tipos do AT Irineu de Lião combateu os hereges gnósticos de seu tempo. Talvez, para nosso tempo pareçam desnecessárias tais explicações, mas numa época em que pouca luz havia sobre as Escrituras, os apóstolos, e mais tarde os apologistas cristãos deixaram uma grande contribuição.

A tradução livre do autor de um texto em inglês de um trecho de Irineu é importante:

Se você, portanto, ler atentamente as Escrituras perceberá nelas um relato de Cristo e as figuras do novo chamamento (vocações). Porque Cristo é o tesouro escondido no campo (Mt 13.44), isto é, neste mundo – porque o “o campo é o mundo” (Mt 13.38). E o tesouro escondido nas Escrituras é Cristo, porque ele foi

profetizado através de tipos e parábolas. Daí que sua natureza não poderia ser entendida, antes da consumação dessas coisas que foram preditas, isto é, o Advento de Cristo.

Assim foi dito a Daniel: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará... Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão (Dn 12.4,7).

E Jeremias diz: “até que ele execute e cumpra os desígnios do seu coração; nos últimos dias, entenderéis isso claramente” (Jr 23.20). Toda profecia, antes de seu cumprimento parece ao homem cheia de enigmas e de ambiguidades. Mas, no cumprimento dos tempos, e quando as predições são cumpridas, então as profecias se tornam claras. Por esta razão, de fato, a lei quando lida nos dias de hoje pelos judeus, soa como fábula, porque eles não possuem as explicações de todas as coisas pertinentes ao Advento do Filho de Deus, que se manifestou em carne. Mas, para os cristãos é um tesouro a leitura da lei, porque, escondido no campo, e sob a luz da cruz de Cristo tudo fica claro.

Daniel afirmou: “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12.3). (No latim seria “conduzindo muitos justos à justiça”).

1) CRISTO, A ROCHA.

Obviamente que os judeus contemporâneos não concordam com a exegese bíblica de que a pedra “que os construtores rejeitaram” seja o Cristo que eles rejeitaram no passado. Mas, quando o estudante da Bíblia traça uma linha de interpretação verá que a Pedra ou Rocha da qual a Bíblia fala é um antítipo de Cristo. Por exemplo: Os três textos abaixo se inter-relacionam:

“A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular” (Sl 118.22).

“Portanto, assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge” (Is 28.16).

“Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado” (1 Pe 2.6).

Esses três versículos não são os únicos que fazem menção da pedra ou rocha como figura de Cristo.

Utilizando a figura de Cristo como rocha, profetizado no AT é possível ao aluno desenvolver uma pregação ou um estudo para conhecer o tema com maior profundidade. A seguir, um exemplo de como isto é possível ser feito.

a) Cristo como Pedra de Israel foi profetizado por Jacó sobre a vida de José: *“O seu arco, porém, permanece firme, e os seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel.” (Gn 49.24).* O Pastor e Pedra de Israel podem ser visto agindo no deserto.

b) A rocha (Cristo) estava ali no deserto, como manancial de águas para saciar a sede do povo de Deus: “Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez na presença dos anciãos de Israel” (Ex 17.6). Moisés feriu a rocha e dela o povo bebeu.

c) Essa foi a Rocha que Moisés feriu a primeira vez, mas que não deveria ter ferido uma segunda vez (Nm 20.8-11). Dessa vez ele deveria apenas falar à rocha. Mas feriu-a novamente. O Cristo ressuscitado já não deve ser ferido de novo. Para o apóstolo é como crucificar novamente a Cristo (Hb 6.6).

No cântico que Deus compôs e ensinou a Moisés para que este ensinasse o povo a cantar, a rocha aparece oito vezes: *“Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto”* (Dt 32.4). Examine os demais textos deste capítulo que tratam da rocha: (Dt 32.13, 15, 18, 30, 31 e 37).

Assim, quando Moisés feriu a rocha, estava ferindo novamente a Cristo.

d) E sempre que uma pedra ou rocha é citada é possível associá-la à Pessoa de Cristo. Por exemplo: Os sacrifícios eram feitos sobre uma pedra ou rocha, prefigurando a Cristo (Jz 13.19).

e) A Rocha de Israel é uma figura de Cristo entoadada por Ana e mencionada pelos poetas e profetas: (1 Sm 2.2; 2 Sm 22.47 e 23.3; Is 17.10 etc.).

f) A mesma rocha que edifica, derruba. O profeta Isaías afirma que Cristo lhes seria santuário, “mas será pedra de

tropeço e rocha de ofensa (Is 8.14). (Ou rocha de tropeço). Paulo escreve que os judeus *“tropeçaram na pedra de tropeço, como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido”* (Rm 9.33).

Sempre se imagina que a Rocha, Cristo é de edificação. Mas, os apóstolos entenderam que a mesma Rocha que edifica é a que serve de tropeço. Sim, ela edifica, mas derruba, e Pedro acertou ao identificar o texto de Isaías com a Pessoa de Cristo:

“Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos” (1 Pe 2.7-8).

g) Isaías afirma que Jesus é a pedra que foi testada e aprovada: *“Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge”* (Is 28.16). E o próprio Jesus interpreta que a pedra rejeitada era ele mesmo (Mt 21.42; Mc 12.10,11; Lc 20.17).

h) Os apóstolos entenderam que Cristo havia sido rejeitado *“Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa”* (1 Pe 2.4; At 4.11).

i) Mas, esta mesma pedra foi citada por Jesus e por Paulo como o firme fundamento: *“Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”* (Mt 16.18).

“Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3.11). “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2.20).

B) UM TIPO PODE ESTAR OCULTO

A ideia de tipo e antítipo fazia parte do círculo mais íntimo dos primeiros apóstolos. Às vezes o tipo aparece oculto e não é perceptível quando se trata de uma ilustração. Por exemplo:

1) Quando Pedro cita Sara como modelo para as esposas: *“Como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma (1 Pe 3.6).*

2) Ao falar da justificação de Abraão que não foi apenas por fé, mas por obras: *“Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?” (Tg 2.21).*

3) Em que Raabe é citada como sendo justificada por suas ações. *“De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?” (Tg 2.25).*

4) Jó é citado como homem paciente, modelo para os cristãos: *“Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo” (Tg 5.11).*

5) A citação de que Elias era homem comum, igual a cada um de nós: *“Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não*

chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu” (Tg 5.17).

6) No discurso de Pedro no livro de Atos, Moisés, como profeta é citado como um tipo de Jesus: *“Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser” (At 3.22).*

7) A aliança de Deus com Abraão é uma figura das bênçãos da salvação dos crentes: *“Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência, serão abençoadas todas as nações da terra” (At 3.25ss).*

8) A Pedra, Cristo. *“A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular.” (Sl 118.22),* fala da humilhação e da exaltação de Jesus: *“Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular” (At 4.11).* Uma pedra rejeitada veio a se tornar a melhor pedra!

9) Pedro usa a figura do AT de um cordeiro sem mancha (Ex 12.5) apontando para um tipo de Cristo: *“... mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.19).*

10) Pedro vê na figura da arca um tipo do batismo como meio de salvação: *“Os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo” (1 Pe 3.20-21).*

11) Em 1 Pe 1.2 Pedro fala da “aspersão do sangue” de Jesus Cristo sobre os eleitos, numa alusão à purificação com sangue que Moisés fazia ao “aspergir” o sangue primeiramente sobre o altar e depois sobre o povo por ocasião do pacto da aliança: *“Moisés tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu sobre o altar. E tomou o Livro da Aliança e o leu ao povo; e eles disseram: Tudo o que falou o Senhor faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras”* (Ex 24.6-8).

C) COMO PAULO USOU A QUESTÃO DOS TIPOS E FIGURAS EM SUAS EPÍSTOLAS?

Paulo soube utilizar os tipos apresentados no AT e soube dar a eles a correspondente aplicação no NT. Muitas vezes Paulo se utiliza das pessoas do AT como tipos de algo que se apresenta no Novo Testamento.

1) Paulo usa Adão, personagem que representa o cabeça natural de todas as raças e o usa como tipo de Cristo, o cabeça espiritual. *“Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.”* (Rm 5.14). *“Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo”* (1 Co 15.22).

2) Paulo apresenta Abraão como um tipo de todos os que creem no evangelho. *“De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão”* (Gl 3.9).

3) A face resplandecente de Moisés é usada por Paulo como figura da gloriosa ministração do Espírito. *“E, se o*

ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior glória o ministério do Espírito!” (2 Co 3 7, etc.).

4) Paulo usa os personagens Sara e Agar, Isaque e Ismael como tipos da escravidão da lei e do cristianismo que nos livrou da lei

“Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe; porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido. Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora” (Gl 4.29ss).

5) Por vezes Paulo utiliza um acontecimento ou uma narrativa do AT prefigurados por Adão e Eva como figuras da união entre Cristo e a Igreja.

“Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja” (Ef 5.32)

“por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24).

6) Paulo compara o batismo cristão à passagem do povo de Israel pelo mar Vermelho. *“Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés”* (1 Co 10.1-2).

7) Ele compara o pão e o vinho da ceia do Senhor com o maná e a água no deserto: *“Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo”* (1Co 10.3-4).

8) Na mesma epístola ele usa a rocha de Refidim de onde água brotou para afirmar que aquela rocha era uma figura ou tipo de Cristo. *“Porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo”* (v 4).

9) Pode-se interpretar que a nuvem da qual Paulo fala é o batismo no Espírito e a água o batismo em águas: *“Nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar”* (1Co 10.1-2).

D) PAULO APRESENTA SIMBOLOGIAS NOS CERIMONIAIS DO AT E OS USA EM RELAÇÃO A VIDA ESPIRITUAL E A IGREJA

1) O cordeiro pascal como figura ou tipo de Cristo. *“Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado”* (1 Co 5.7 – compare com Rm 3.25 e Ef 5.2).

2) Usa o templo como tipo da igreja. *“Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”* (1 Co 3.16) e, *“que ligação há entre o santuário de Deus*

e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (2Co 6.16).

3) Paulo faz uma relação entre o que ministrava no altar no AT e o ministro do evangelho. O sacerdote que vivia do altar é apresentado como figura ou tipo do obreiro que vive do evangelho. *“Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1 Co 9.13).*

4) Ele apresenta a circuncisão como um antítipo do batismo: *“Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2.11-12).*

5) A comunhão sacrificial do judaísmo e a comunhão da mesa do Senhor em relação ao corpo e ao sangue de Cristo: *“Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão. Considerai o Israel segundo a carne; não é certo que aqueles que se alimentam dos sacrifícios são participantes do altar?” (1 Co 1.16-18).*

Esses são casos específicos em que Paulo utiliza as instituições do AT como figuras ou antítipos do que haveria no Novo Testamento. Nas epístolas tardias ele trata do tema com maior abrangência.

As instituições judaicas, para Paulo são apenas *“uma sombra das coisas que viriam”*, como por exemplo, como a era messiânica, em que a realidade, é o corpo de Cristo. A contradição ou antinomia entre a Lei e o Evangelho fica assim resolvida, porque para Paulo a Lei como ordenança divina era temporária, mas possuía um sentido significativo como tipo das futuras bênçãos do reino da graça.

6) Assim, a circuncisão encontra sentido numa ‘circuncisão não feita por mãos’. *“Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo”* (Cl 2.11, conf. Ef 2.11; Fp 3.3).

7) O sacrifício expiatório feito no tabernáculo e no templo é um antítipo da entrega de Cristo a nosso favor: *“E andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave”* (Ef 5.2).

8) As ofertas espontâneas e liberais dos cristãos são apresentadas como sacrifícios aceitáveis a Deus: *“Recebi tudo e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus”* (Fp 4.18).

USANDO FIGURAS E ALEGORIAS

I. SÍMBOLOS E ALEGORIAS

Nesta lição o aluno poderá ampliar seu conhecimento estudando e analisando como os profetas do AT – e mais tarde Ágabo no NT - usaram as figuras ou tipos para destacar um acontecimento ou evento profético no Novo Testamento.

A) ALEGORIAS

Uma **alegoria** é a comparação continuada por representação (metáfora): *“Judá é leãozinho; da presa subiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como leão e como leoa; quem o despertará?”* (Gn 49.9).

Temos aqui um exemplo de alegoria. Outra alegoria é usada por Paulo para falar de Agar e de Sara (Gl 4.22,24).

Alegoria é uma figura de retórica, constante de várias metáforas consecutivas, exprimindo por alusão ideia diferente da que se enuncia.

Um exemplo de erro comum entre os pregadores é o de citar alegorias que nem sempre encontram correspondência nos dias de hoje, mas que eram usadas no passado como linguagem que por todos era entendida.

Por isso, Murdoch em *Symposium on Bible Hermeneutics*, p 218 afirma que *“ao tentar interpretar uma alegoria, deve-se ter em mente os ouvintes originais, os motivos do autor para usar esse recurso, e os pontos básicos de comparação destacados por ele. Reconhecer as mensagens para os ouvintes originais e para os atuais é vital ao intérprete”*.

Na realidade, o estudante da Bíblia precisa entender como viviam as pessoas na época em que os símbolos ou alegorias foram usados, para poder entender a mensagem com a mente que eles entendiam. E não com a mente moderna dos dias atuais.

Quando se tenta interpretar os Cantares de Salomão corre-se o perigo de se entrar em especulações que nada tem a ver com os dias de hoje. Alguns comentaristas usam o livro para falar do relacionamento da noiva, que é a igreja com o

rei, que é Cristo. Mas, não se pode especular daí em diante. E aqui o estudante precisa ser muito cauteloso.

Cantares de Salomão é uma bela coleção de poemas de amor que ilustram de modo muito apropriado a intenção e vontade de Deus para marido e mulher.

Naturalmente, há muitas outras lições espirituais que se podem aprender quando se lê o livro.

Veja, como exemplo a alegoria feita por um pregador sobre a parábola do bom samaritano (Lc 10.31-35). O pregador começou a interpretar o texto da seguinte maneira: *“O bom samaritano é Jesus. Os ladrões, os demônios. O vinho derramado sobre a ferida é a cura de Cristo; o óleo o Espírito Santo; as duas moedas, o Antigo e o Novo Testamento e a estalagem, a igreja. E quando fala de pagar alguma dívida quando de seu retorno, trata-se da segunda vinda de Cristo. Ele deu interpretações para cada coisa. Por fim, alguém perguntou do auditório: Mas, e o burro, quem é? Como o pregador não arranjou uma interpretação para o burro, alguém do fundo do auditório respondeu: O burro é quem inventou essa interpretação!”*

A Bíblia contém alegorias, figuras, símbolos, tipos e antítipos que podem ser interpretados erroneamente, isto é, dando-se a eles sentido que a Escritura não apresenta, como no caso do bom samaritano.

Por isso, para que o uso dessas figuras e símbolos sejam bem empregados é necessário que o estudante da Bíblia saiba interpretá-los corretamente e aplicá-los também corretamente. Deve haver um pressuposto bíblico, uma ideia clara ou um direcionamento quando se quer criar ou usar tipos não mencionados pelos apóstolos.

Por exemplo. É possível usar o acontecimento entre Jesus e a mulher samaritana junto à fonte de Jacó observando-se os textos sobre fonte ou poço no AT, mas não se pode afirmar que alguns poços ou fontes mencionados no AT sejam um antítipo da fonte de água viva que é Jesus. Agar encontrou refúgio e saciou sua sede ao encontrar uma fonte de água no deserto, mas em lugar algum existe a menção apostólica de que aquele poço que ela encontrou é um antítipo da fonte que é Jesus. Pode-se mencionar o acontecimento numa pregação, mas não se pode usá-lo como um tipo de Cristo.

Já o cântico entoado pelos israelitas no deserto pode servir de tipo à fonte que é Jesus, porque ali os israelitas estavam celebrando a fonte de água que o Senhor fez jorrar no deserto. E aquela fonte que saiu da Rocha também é uma alusão à fonte da Rocha que é Cristo.

“Então, cantou Israel este cântico: Brota, ó poço! Entoai-lhe cânticos!” (Nm 21.17). Ora, o apelo a que se entoe um cântico a uma fonte só pode ser entendido como sendo entoado à fonte como um tipo de Cristo.

O lenho lançado nas águas amargas de Mara pode servir de antítipo para a cruz de Cristo: *“Afiml, chegaram a Mara; todavia, não puderam beber as águas de Mara, porque eram amargas; por isso, chamou-se-lhe Mara. E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? Então, Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor lhe mostrou uma árvore; lançou-a Moisés nas águas, e as águas se tornaram doces. Deu-lhes ali estatutos e uma ordenação, e ali os provou”* (Ex 19.23-25).

O uso de parábolas não está incluído neste estudo de tipologia, mas, vale lembrar que tanto no AT quanto no NT as

peessoas e Jesus fizeram uso de parábolas para falar de alguma verdade. Duas vezes Deus manda Ezequiel usar parábolas para falar a Israel (Ez 17.2; 24.3).

Em Juízes 9 Jotão conta uma historieta cheia de sabedoria (apólogo) para falar contra Abimeleque que matara a todos os seus irmãos, tornando-se rei sobre a nação.

A parábola em si era um enigma, e os discípulos de Jesus lhe pediram que explicasse, porque não haviam entendido o sentido do enigma, isto é, da parábola (Mt 13.10; Mc 4.10). Na realidade, até hoje, muita gente não entende o que Jesus queria dizer com as parábolas, mas o texto é claro: Os que haviam rejeitado a Deus tinham os ouvidos fechados para não poderem ser salvos! (Mt 13.14-16 c/ Is 6.9-10 e AT 28.25-27).

II. SÍMBOLOS USADOS PELOS PROFETAS

Na medida em que estuda as Escrituras o estudante pode anotar e conferir os vários símbolos que o próprio Deus usa para explicar uma mensagem ao povo de Israel. E pode anotar também símbolos que os profetas usaram, conforme os costumes e cultura da época para comunicar uma mensagem divina. Muitas vezes os profetas incorporavam símbolos ao seu estilo de vida, mudando a forma de se vestir, de se alimentar e de caminhar, para dizer a Israel o que aconteceria com a nação se desobedecesse a voz de Deus.

A) OS PROFETAS, SUAS FIGURAS E SEUS SÍMBOLOS DE LINGUAGEM

Podem-se usar os profetas como exemplos de pessoas que utilizaram símbolos e figuras de linguagem sempre que queriam comunicar uma palavra de Deus. Com base neles, o

estudante poderá estudar as figuras e símbolos. Usaremos o livro de Jeremias, que é riquíssimo em figuras de linguagem e de símbolos como exemplo, e, o estudante poderá, a partir deste profeta estudar outros símbolos importantes dos demais livros proféticos. Cada um deles deve ser estudado com diligência e com espírito investigativo, comparando com outros textos bíblicos.

Jeremias está repleto de símbolos usados por Deus para falar ao profeta e para que este falasse ao povo de Jerusalém.

1) A VARA DE AMENDOEIRA (Jr 1.11) indicando que Deus vela por sua apalavra para a cumprir. E parece ser este o sentido da amendoeira. Nos dias de Israel no deserto ele mostra sua preferência por Arão quando fez que a vara de Arão, que estava seca, revivesse e frutificasse. Ver Nm 17.8. As amêndoas e as flores de amendoeiras que havia no candelabro do tabernáculo parecem indicar que os olhos de Deus estão atentos, observando tudo (Ex 25.33-34 e Ex 37.19-20). Por isso, o candelabro fala dos olhos de Deus sobre o sagrado, as pessoas e o sacerdócio da igreja. Em Apocalipse os candeeiros são as igrejas (Ap 1.20).

2) PANELA NO FOGO (Jr 1.10). Deus mostra a Jeremias uma panela ao fogo e a boca da panela estava virada para o Norte. E o Senhor lhe disse: “Do Norte se derramará o mal sobre todos os habitantes da terra”, referindo-se a Nabucodonosor.

3) DEUS UTILIZA FIGURAS DE LINGUAGEM AOS PROFETAS PARA FALAR DE VÁRIAS COISAS:

Deus usava enigmas e figuras quando queria avisar alguma coisa. Veja o que ele disse a Miriam e Arão sobre seu

relacionamento com Moisés: *“Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?”* (Nm 12.8).

Assim, Deus usa comparativos, símbolos, enigmas e exemplos para ensinar ao seu povo:

- a) Da traição da mulher amada (Jr 2.2ss.). Perfídia é o termo usado para designar a mulher amada que trai o seu amado. Israel é uma mulher que Deus amou, e esta mulher traiu ao seu Senhor. *“Deveras, como a mulher se aparta perfidamente do seu marido, assim com perfídia te houveste comigo, ó casa de Israel, diz o Senhor”* (Jr 3.20; ver 3.6-12).
- b) Do agricultor que planta uma uva de boa qualidade e colhe uvas ruins (Jr 2.21).
 - (1) Deus compara Israel a uma oliveira verdejante (Jr 11.16).
 - (2) Ezequiel vê Israel como uma videira arruinada (Ez 19.10-14).
 - (3) Zacarias vê dois ramos de oliveira junto ao candelabro, vertendo azeite, e pergunta pra Deus o sentido daquilo. Deus lhe responde que são os dois ungidos que o assistem no céu (Zc 4.1-14).
 - (4) Davi se compara a uma oliveira verdejante (Sl 52.8).
 - (5) Paulo fala de Israel como boa oliveira e dos gentios que nela foram enxertados de oliveira brava (Rm 11. 17-14).

Portanto, com vários textos indicando uma mesma verdade, pode-se afirmar que tanto Israel quanto a Igreja são tidos, aos olhos de Deus como oliveiras que frutificam.

- c) A figura de Israel como uma vinha, uma plantação de videiras – donde se colhem uvas. Em Isaías 5 ele faz uma canção sobre Israel, afirmando que Deus plantou uma vinha com boa semente, mas deu uvas ruins. É uma parábola sobre Israel (Is 5.17). Em Jeremias Deus volta a mencionar Israel como sua vinha, pisoteada por maus pastores (Jr 12.10). Jesus usa a videira como figura dele mesmo, e nós, os seus ramos (Jo 15).

Ora, o estudante da Bíblia pode agregar todos os textos que falam sobre vinha, videira, uvas boas e más, sobre a “videira verdadeira” e seus ramos e desenvolver um excelente estudo para edificação da igreja.

4) UTILIZANDO A NATUREZA COMO EXEMPLO DE CONHECIMENTO:

“Até a cegonha no céu conhece as suas estações; a rola, a andorinha e o grou observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor” (Jr 8.7). Mais adiante fala dos cavalos e das serpentes (8.16-17; 12.5). O comportamento do povo é comparado ao de cavalos fogosos com seus relinchos (Jr 50.11). Deus fala que assim como o sol e a lua nunca saem de seu lugar, a aliança dele haverá de permanecer (Jr 33.14-26).

5) BÁLSAMO. O bálsamo de Gileade (Jr 8.22; 46.11 e 51.8).

6) O CINTO (Não era como os cintos de hoje que prendem as calças, mas uma larga tira de pano que prendia o vestido que o homem usava por cima dos lombos, na altura das nádegas). Deus avisa por etapas. **Primeiro**, pede que Jeremias compre um cinto de linho. **Segundo**, ordena que Jeremias o enterre numa das rochas junto ao rio Eufrates. (O

profeta tem de caminhar vários dias para chegar lá). **Terceiro**, “passados muitos dias”, o Senhor o envia de novo a buscar o cinto que ele havia escondido na fenda da rocha. A lição? O cinto de linho apodrecera! E Deus diz a Jeremias que Israel é como um cinto que se amolda ou se apega aos lombos do homem (Jr 13.1-11), mas que é podre.

7. O JARRO CHEIO DE VINHO. Uma obviedade, pois, disseram os homens de Israel, “Não sabemos nós muito bem que todo jarro se encherá de vinho?”. A lição de Deus é que ele usará do jarro cheio de vinho (o vinho de sua cólera) para embriagar os líderes e os habitantes da terra (Jr 13.12-14; 25.15-29).

8. A VIDA CELIBATÁRIA do profeta serviria de ilustração sobre o mal que viria sobre a nação (Jr 16.1ss.). No caso do profeta Ezequiel que era casado, Deus recolheu a esposa dele para ilustrar que ele deveria gemer em silêncio, e que não deveria se lastimar nem chorar: “*Falei ao povo pela manhã e à tarde morreu minha mulher*” (Ez 24.15ss.). A lição de Deus é que ele tiraria o objeto de orgulho de Israel, a sua glória.

9. O VASO DE BARRO NA CASA DO OLEIRO (Jr 18.1-17). Novamente Deus fala por etapas. Ele pede que o profeta desça até a casa do oleiro, mas não lhe diz o por quê, e sim que “lá ouvirás as minhas palavras”. Jeremias observa o oleiro moldando um vaso, quando este cai de sobre a roda que girava.

O oleiro toma o barro que caiu, e molda-o novamente. A lição de Deus é que a casa de Israel é como um vaso de oleiro que ele molda do jeito que quiser. Esta figura ou símbolo é usado também por Isaías e depois repetida por Paulo (Is 29.16; 64.8 c/ Rm 9.21).

ATIVIDADES – LIÇÃO I

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ A palavra grega *tupos* no NT aparece pela primeira vez no texto de João 20.25 como sinal. C16
- 2) ☐ Um antítipo é uma figura que representa uma coisa ou pessoa, e aparece, geralmente como um símbolo profético. C16
- 3) ☐ Para que seja um tipo verdadeiro, tem de ser um retrato fiel da pessoa ou coisa daquilo que representa ou prefigura. C18
- 4) ☐ Para que seja um tipo verdadeiro, deve indicar algo divinal. C18
- 5) ☐ Para que seja um tipo verdadeiro, sempre prefigura algo do futuro. C18
- 6) ☐ Na classificação dos tipos, uma coisa ruim não pode servir de tipo de uma coisa boa. C19

Anotações:

Lição II

Figuras e Alegorias

USANDO FIGURAS E ALEGORIAS

10) A BOTIJA DE BARRO (Jr 19.1-15).

Jeremias é orientado a levar alguns dos anciãos da cidade com ele; alguns anciãos dos sacerdotes, e deveria levá-los ao vale do filho de Hinon e lá, diante deles quebrar a botija de barro, dizendo: *“Deste modo quebrarei eu este povo e esta cidade, como se quebra o vaso do oleiro, que não pode mais refazer-se, e os enterrarão em Tofete...”* (v 11).

Devido a isso, Pasur, que ouviu a Jeremias profetizando, colocou o profeta na prisão, para morrer.

Um vaso quebrado não tem mais utilidade, porque não pode ser reconstituído, a não ser que seja remendado! Por isso o cântico entoado pela igreja, “tu és o oleiro barro eu sou, quebra e transforma até que enfim tua vontade se cumpra em mim”, deve ser entendido neste contexto: Sou ainda um barro sendo moldado! Porque se uma pessoa é vaso pronto, e é quebrado, utilidade alguma terá ao seu dono!

11) DOIS CESTOS DE FIGOS.

Um cesto cheio de figos bons e outro com figos ruins (Jr 24). Deus diz a Jeremias que assim como as pessoas preferem os figos bons, ele também tomará a casa de Israel como sendo figos bons, e cuidará o povo na terra do seu cativo.

Israel poderia ser comparado também a uma figueira, conforme o texto de Oséias 9.10: *“Achei a Israel como uvas no*

deserto, vi a vossos pais como as primícias da figueira nova; mas eles foram para Baal-Peor, e se consagraram à vergonhosa idolatria, e se tornaram abomináveis como aquilo que amaram”.

A figueira que Jesus amaldiçoou por não encontrar frutos (Mt 21.19-20) pode ser uma parábola sobre Israel. A figueira quando tem folhas é porque é tempo de frutos, mas Jesus não encontrou frutos em Israel. A figueira que não dava frutos e que o agricultor pediu um tempo ao dono da terra, porque queria adubá-la, pode ser exemplo da oração profética intercedendo por uma pessoa ou por Israel esperando que dê os frutos que dela se esperam (Lc 13.6-9).

12) CANZIL OU CANGA:

Com o sentido de escravidão.

- a) Jeremias recebeu ordens de Deus de fazer canzis ou cangas como as que se põem sobre os bois; e deveria andar com as cangas no pescoço pelas ruas de Jerusalém. “Assim me disse o Senhor: Faze correias e canzis e põe-nos ao pescoço” (Jr 27.2). Ele também deveria fazer outros canzis e enviá-los aos reis de “Moabe, ao rei dos filhos de Amom, ao rei de Tiro, e ao rei de Sidom, por intermédio dos mensageiros que vieram a Jerusalém ter com Zedequias, rei de Judá” (v 3), com a mensagem de que deveriam pôr seus pescoços, isto é, submeter suas nações ao domínio de Nabucodonosor. A ordem para todos era: “Metam o pescoço no jugo do rei da Babilônia... e vocês viverão” (Jr 27.12 – tradução livre).

Depois que o profeta Hananias – que profetizava o retorno da primeira leva do povo que Nabucodonosor levava para a Caldéia – quebrou o canzil de Jeremias (Jr

28.10), Jeremias fez, por ordens do Senhor, canzís de ferro (Jr 28.13).

Jeremias andava, portanto, com um jugo de ferro sobre seu pescoço, preso com correias! Não era brincadeira ser profeta naquele tempo!

- b) Daniel vê chifres nos animais que, em sua visão atacam a terra (Dn 7 e 8).
- c) Zacarias vê quatro chifres, e Deus lhe diz que são os reis que *“dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém”* (Zc 2.18). Mas, junto deles estão os ferreiros para quebrar aqueles chifres! (Zc 2.19).

13) A COMPRA DAS TERRAS EM ANATOTE (Jr 32)

Uma parte do povo havia sido levado para a Babilônia. O exército de Jerusalém estava se aproximando para destruir toda a cidade e Deus pede a Jeremias que compre as terras que lhe são de direito (Na realidade, o termo não seria comprar, mas “arrendar”, porque as terras ficavam cinquenta anos e então retornava aos seus donos).

Hananel, sobrinho de Jeremias veio e lhe ofereceu as terras, pois a Jeremias cabia resgatá-la.

Deus orienta o profeta a fazer tudo certinho: Assinar os termos de compra diante das testemunhas, selar o documento e depositá-lo num vaso de barro onde ficaria o documento conservado por muitos anos.

A lição que Deus queria dar ao povo é que, o povo haveria de retornar do cativeiro e voltaria a habitar na terra:

“Tornarei a trazê-los a este lugar e farei que nele habitem seguramente” (Jr 32.37).

14) A FAMÍLIA DOS RECABITAS:

Exemplo de cumprimento de votos (Jr 35.1-19). Os descendentes de Recabe fizeram voto de serem nômades: Não cultivariam a terra, não criariam gado nem beberiam vinho.

Devido a invasão dos caldeus, os recabitas se refugiaram dentro da cidade de Jerusalém. Jeremias lhes ofereceu vinho numa das câmaras do templo, mas eles se recusam beber. Deus queria mostrar que os recabitas eram mais fiéis aos votos e aliança feita por um homem do que o povo de Israel à aliança feita com Deus.

Não era fácil para os profetas daquele tempo.

15) SÍMBOLOS QUE EZEQUIEL USA A PEDIDO DE DEUS:

- a) Ezequiel, enquanto Deus não lhe falava nada, ficava mudo. Deus lhe fechava a boca. Ele só falava quando vinha palavra de Deus nos seus lábios (Ez 3.26-27).
- b) Deveria ser escultor, porque esculpiu um modelo de Jerusalém, com muros e ferros e aríetes.
- c) Tinha que dormir de um lado só 390 dias, e depois mais 40 dias do outro lado (Ez 4).
- d) Só podia comer comida por peso, e Deus lhe forneceu a quantidade diária de pão e água, e deveria cozer sua refeição sobre estrumes.
- e) Deveria rapar a barba, uma coisa incomum naqueles dias. Todos usavam barba. Era a cultura. Deus pede pra ele andar na contracultura! (Ez 5).

- f) Andava pela cidade com uma mochila nas costas e entrava e saía de casa por um buraco na parede (Ez 12.1-9).

O livro de Ezequiel, também está repleto de símbolos e figuras que o estudante deve anotar. Faltaria espaço para comentar o sentido das visões de Ezequiel, dos pastores e das ovelhas infiéis (Ez 34); dos montes de Israel (Ez 35 e 36); do vale de ossos secos (Ez 37) etc.

- g) Isaías andou com as nádegas de fora (literalmente com a bunda de fora e descalço) três anos (Is 20.1-6). Os que se dizem profetas hoje viveriam na contramão da sociedade?

16) FLECHAS OU DARDOS

- a) Eliseu, e as flechas.

O profeta Eliseu usou flechas para falar profeticamente ao rei Jeoás. Já enfermo, pediu que Jeoás, rei de Israel tomasse seu arco e flechas e atirasse com as flechas. Quando Jeoás entesou o arco para atirar pela janela, Eliseu pegou nas mãos dele e profetizou:

“Flecha da vitória do Senhor! Flecha da vitória contra os siros! Porque ferirás os siros em Afeca, até os consumir” (2 Rs 13.16-17).

A seguir, Eliseu pediu que Jeoás tomasse seu arco e atirasse flechas contra a terra. Jeoás fez isso três vezes, e o sentido logo foi dado pelo profeta:

“Cinco ou seis vezes a deverias ter ferido; então, feririas os siros até os consumir; porém, agora, só três vezes ferirás os siros” (2 Rs 13.19).

b) Flechas incendiárias.

Os guerreiros desenvolveram a técnica de lançar flechas incendiárias que queimavam campos, destruíam casas e eram mortíferas quando entravam pelo corpo do inimigo. Assim, Deus usa o mesmo termo através do profeta Isaías: *“Eia! Todos vós, que acendeis fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes; de mim é que vos sobrevirá isto, e em tormentas vos deitareis”* (Is 50.11).

Paulo utilizou esta figura de linguagem para falar que o cristão deve se proteger com o *“escudo da fé”* para *“apagar todos os dardos inflamados do Maligno”* (Ef 6.16), uma alusão aos ataques do Diabo.

c) Flechas como sinal de destruição:

Deus falou pela boca de Ezequiel:

“Quando eu despedir as malignas flechas da fome contra eles, flechas destruidoras, que eu enviarei para vos destruir, então, aumentarei a fome sobre vós e vos tirarei o sustento de pão” (Ez 5.16).

d) Flechas como símbolo de adivinhação:

Os caldeus utilizavam flechas sem ponta aguda para fazer adivinhações. Fizeram esse trabalho de *“magia”* quando chegaram perto de Jerusalém, para saber se deveriam ou não atacar a cidade:

“Porque o rei da Babilônia pára na encruzilhada, na entrada dos dois caminhos, para consultar os oráculos: sacode as flechas, interroga os ídolos do lar, examina o fígado” (Ez 21.21).

17) ISRAEL COMPARADO A UMA CRIANÇA ABANDONADA (Ez 16).

Deus cuida dela, a alimenta, adorna-a com lindos vestidos e jóias e, depois de adulta usa sua beleza para atrair seus amantes.

- a) Os profetas falavam a linguagem do povo da época: Deus afirma que Israel se prostituiu com os egípcios, “teus vizinhos de grandes membros”; com os “filhos da assíria” (Ez 16. 26-27).

Ezequiel chega a afirmar que seus amantes tinham “membros como os de jumento e o fluxo como o fluxo de cavalos” (Ez 23.20). A partir desses exemplos o estudante da Bíblia pode perceber que Deus conhece a maneira como vivemos e até mesmo nossa intimidade física.

18) ENIGMAS

Os profetas, a pedido de Deus usavam enigmas e parábolas para ilustrar uma mensagem.

- a) Ezequiel usa a parábola das duas águias e da videira (Ez 17), Israel e a Babilônia.
- b) Ezequiel usa também a parábola do leão enjaulado (Ez 19.1-9).
- c) Usa a cidade de Tiro como figura profética do que teria acontecido no passado a Satanás (Ez 28).
- d) Jesus fez uso de parábolas, e em Mateus 13 os discípulos lhe perguntam por que lhes falava por parábolas. A resposta de Jesus não é bem compreendida ainda em nossos dias. Jesus cita o profeta Isaías para citar o que as Escrituras dizem a respeito dos desobedientes.

Por que é que o senhor usa parábolas para falar com essas pessoas?

“— A vocês Deus mostra os segredos do Reino do Céu, mas, a elas, não. Pois quem tem receberá mais, para que tenha mais ainda. Mas quem não tem, até o pouco que tem lhe será tirado. É por isso que eu uso parábolas para falar com essas pessoas. Porque elas olham e não enxergam; escutam e não ouvem, nem entendem. E assim acontece com essas pessoas o que disse o profeta Isaías: Vocês ouvirão, mas não entenderão; olharão, mas não enxergarão nada. Pois a mente deste povo está fechada: Eles taparam os ouvidos e fecharam os olhos. Se eles não tivessem feito isso, os seus olhos poderiam ver, e os seus ouvidos poderiam ouvir; a sua mente poderia entender, e eles voltariam para mim, e eu os curaria! — disse Deus. Jesus continuou, dizendo: — Mas vocês, como são felizes! Pois os seus olhos vêem, e os seus ouvidos ouvem” (Mt 13.10-16 – NTLH).

Jesus está dizendo que os rebeldes filhos de Israel já estão irremediavelmente perdidos!

19) A COR PÚRPURA

Outros sinônimos: escarlata e violeta.

Nas Escrituras não se tem uma explicação para o sentido das cores. Se em alguma passagem do AT ou do NT houvesse uma fresta que permitisse ao estudante ver o sentido das cores, ficaria mais fácil interpretá-la.

Os comentaristas fazem comparações e usam de sua inteligência para encontrar o sentido delas. Existe, portanto, muita diferença de opinião nesta área.

Veja, por exemplo, a cor *escarlate*. Aquela vermelhidão, forte, quase roxo.

A cor *escarlate* era obtida através de um verme comum no Oriente e também no México. A palavra hebraica para verme é a mesma para *escarlate* (Sl 22.6; Jó 25.6). O comentário da *Bíblia On Line* da Sociedade Bíblica do Brasil é bastante elucidativo. A tintura era feita do corpo seco da fêmea da largata "*coccus ilicis*".

Quando a fêmea da lagarta escarlate estava pronta para desovar, ela prendia seu corpo ao tronco de uma árvore, fixando-se de maneira tão firme e permanente para jamais sair. Os ovos depositados por baixo de seu corpo eram desta forma protegidos até que as larvas fossem chocadas e fossem capazes de assumir o seu próprio ciclo vital. Quando a mãe morria, o fluido carmesim manchava seu corpo e a madeira em volta. Dos corpos mortos destas lagartas escarlates fêmeas eram extraídas as tintas comerciais da antiguidade de cor escarlate. Que ilustração isso nos dá acerca de Cristo, morrendo no madeiro, derramando seu precioso sangue para que conduzisse "muitos filhos à glória" (Hb 2.10)! Ele morreu por nós, para que pudéssemos viver por meio dele! O Salmo 22.6 descreve Jesus como verme e nos apresenta este quadro de Cristo. (cf. Is 1.18) (da página 73 do livro "Biblical Basis for Modern Science", de Henry Morris, publicado por "Baker Book House" em 1985).

Produzir a cor *escarlate* era difícil e somente os reis e imperadores vestiam-se com roupas coloridas. Baseado na citação acima alguns sustentam que essa cor representa a glória de Cristo em sua majestade.

Vários textos parecem confirmar esta tese. Lídia, que se converteu durante uma reunião de oração à beira do rio em

Filipos era vendedora de púrpura. Parece ter sido Lídia a fundadora da igreja em Tiatira (At 16.14).

O fio escarlate que Raabe pendurou na janela de sua casa sobre o muro de Jericó tem um sentido de salvação quando analisada à luz dos demais textos.

O azul, a cor púrpura (escarlate e violeta) e o vermelho são as cores frequentes na Bíblia. Deve haver uma razão porque o manto de Jesus, na crucificação era escarlate (Mt 27.28).

A purificação dos utensílios do tabernáculo foi também feita com tinta escarlate ou púrpura (Hb 9.19).

O estudante terá mais subsídios ao estudar as demais lições deste livro.

FIGURAS EM HEBREUS E APOCALIPSE

Em Hebreus o aluno encontra grande quantidade de figuras tipológicas. O autor do livro apresenta a aliança entre Deus e homem buscando provar aos seus leitores judeus que o cristianismo, a religião da nova aliança é melhor que o judaísmo, a religião do AT. E utiliza o método de apresentar o tipo e o antítipo.

A nota-chave doutrinária da epístola pode ser vista entre a citação do texto de Jeremias com o de Hebreus. *“Eis aí vêm dias, diz o Senhor, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá”* (Jr 31.31ss) e a repetição deste mesmo texto em Hebreus 8.8 e seguintes:

“E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá.”

“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hb 10.16-17).

Este tipo de argumento apologético é apresentado em que o serviço do tabernáculo e do templo é apresentado como sombra ou cópia do que haveria de vir. *“Os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo...” (Hb 8.5).*

A Lei levítica é apresentada como *“sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas...” (Hb 10.1).* A Lei, portanto, é apenas uma sombra. Não a imagem real. Por toda a epístola de Hebreus o autor apresenta uma série de contrastes entre o judaísmo, como preparação para um tipo de cristianismo perfeito.

I. O LIVRO DE HEBREUS TRATA DE CONTRASTES OU COMPARAÇÕES ENTRE A ORDEM ANTIGA E A NOVA

A) COMPARANDO O PASSADO COM O PRESENTE

1) No passado Deus falava pelos profetas; nesses últimos dias, pelo Filho:

“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1.1-2).

2) A seguir o autor novamente apresenta o contraste dos anjos como espíritos ministradores que são enviados para servir os herdeiros da salvação. *“Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?”* (Hb 1.14) e os compra com aquele (Jesus) que por certo tempo foi feito menor que os anjos para levar muitos filhos à glória:

“Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem. Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles” (Hb 2.9,10).

B) O USO DA EXPRESSÃO CASA DE DEUS.

1) Casa com o sentido de família.

O estudante cristão deve atentar para o uso da expressão Casa de Deus, porque, mesmo referindo-se a uma casa ou templo físico, sempre aponta para o verdadeiro templo ou casa que é a família de Deus. A decisão de Davi de construir “uma casa para Deus” não foi uma ideia bem aceita por Deus. Este afirma:

“Também te fiz saber que o Senhor te edificaria uma casa” (1 Cr 17.10).

Davi queria construir uma casa para Deus e Deus afirma que fará uma casa para Davi, portanto, não se trata de uma casa de material, mas de pessoas. Isto é, os descendentes de Davi seriam a “casa de Deus”. Se o estudante levar esta ideia adiante descobrirá que a Casa de Deus é a igreja, isto é, os remidos.

Mas, como é difícil hoje para as pessoas entenderem também o sentido de igreja, porque sempre imaginam um templo ou uma construção, quando, na realidade a igreja é a família de Deus, assim como a Casa de Deus é a família de Deus. Casa de Deus não é um local fixo, um templo ou construção, mas pessoas.

C) O CONTRASTE ENTRE MOISÉS, SERVO FIEL DA CASA DE DEUS E O FILHO SOBRE SUA CASA (Hb 3-4.12).

1) Comparando dois líderes com duas casas.

O livro de Hebreus trata de contrastes: Moisés era fiel sobre a casa de Deus. Jesus é fiel sobre a nova casa, a igreja:

“E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas; Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança” (Hb 3.5-6).

Ora, o autor aos Hebreus está se referindo a pessoas, porque Moisés não era fiel sobre um prédio, mas sobre pessoas. Assim também Jesus é fiel sobre sua casa, “a qual casa somos nós”.

Quando o NT fala sobre a casa de César (Fp 4.22) está tratando das pessoas que formavam a família do Imperador, esposa, filhos, parentes e escravos. Tanto os da casa de Cloe como os da casa de Estéfanos e de Onesífero são pessoas (1 Co 1.11,16; 2 Tm 1.16).

A casa de Deus é a igreja, e a igreja são pessoas:

“... para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3.15).

Por isso Hebreus 10.21 fala de um *“grande sacerdote sobre a casa de Deus”*. Obviamente que se trata de pessoas e não de um prédio. A casa ou *domus* não é um prédio, mas pessoas, isto é, uma família!

2) O contraste de uma mensagem recebida com fé.

O livro de Hebreus trata do contraste entre a mensagem pregada aos Israelitas (No AT) e as boas-novas pregadas pelos cristãos:

“Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram” (Hb 4.2).

Em certo sentido, os israelitas tiveram a oportunidade também de ouvir as boas-novas no AT. O autor registra um fato significativo: Eles não a receberam com fé. A mensagem que nos é pregada vem acompanhada da fé!

3) O contraste entre Canaã terreal e a Canaã celestial.

A carta aos Hebreus trata do descanso que o povo de Israel encontrou em Canaã em contraste com o descanso do povo de Deus. “Portanto, resta um repouso para o povo de Deus” (Hb 4.9). Os tipos e antítipos são perfeitamente visíveis em Hebreus.

D) NA PRÓXIMA SECÇÃO DE HEBREUS (4.14 A 10.18) O AUTOR EXTRAÍ OS CONTRASTES ENTRE O SUMO SACERDOTE DA ORDEM LEVÍTICA OU AARAÔNICA E CRISTO, O FILHO

1) Melquisedeque um antítipo de Cristo. Jesus Cristo foi feito sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque; e o autor com ousadia usa a tipologia direta seguindo uma

sugestão tirada do próprio Antigo Testamento: *“O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”* (Sl 110.4).

📖 Ele afirma que Melquisedeque, o misterioso sumo sacerdote do AT foi “feito semelhante ao Filho de Deus” (Hb 7.3). Melquisedeque aparece apenas uma vez, e, para muitos é um mistério. Alguns creem que ele seria uma manifestação de Cristo, ou a personificação de Jesus, em pessoa, residindo no pequeno vilarejo de Salém, que mais tarde seria chamada de Jerusalém.

📖 Ele descreve a Cristo não apenas *“segundo a ordem de Melquisedeque”* (Hb 6.20; cf. 5.6,10; 7.11,17,21), mas *“à semelhança de Melquisedeque”* (Hb 7.15). Então, este sacerdote é importante aos olhos de Deus.

2) Comparando a ordem de Arão e de Melquisedeque. Lado a lado com esta tipologia de semelhança, o autor apresenta a tipologia de contraste – o contraste entre a ordem de Arão e a ordem de Melquisedeque. *“Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?”* (Hb 7.11).

Se Melquisedeque tipifica a Cristo como outro sacerdote da mesma ordem, Arão tipifica a Cristo como sacerdote de uma ordem superior à sua, que se torna a certeza de uma melhor aliança do que aquela dada sob a ordem Lei levítica:

“por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança” (Hb 7.22 cf. v 11).

Melquisedeque tipifica a Cristo, porque não fazia parte de nenhuma linhagem sacerdotal – aparece como sacerdote do Deus Altíssimo no tempo de Abraão. Cristo também, por ser da linhagem de Davi não era da família sacerdotal, e, tornou-se sacerdote conforme a “ordem de Melquisedeque”.

3) O autor chega a ser detalhista ao comparar o sacerdócio levítico como sendo uma sombra das coisas celestiais.

📄 Eles ministravam coisas espirituais no AT. *“Os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes”* (Hb 8.4).

📄 Mas, Cristo, como sacerdote ministra ele mesmo as coisas celestiais: *“Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores”* (Hb 9.23).

📄 E sua ministração é apresentada como sendo feita em cada detalhe no próprio céu: *“Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem”* (Hb 8.1-2).

📄 O tabernáculo que Moisés ergueu apontava para o verdadeiro tabernáculo ao qual o Senhor mesmo edificou e não o homem: *“Como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem”* (Hb 8.2 – ver também o v 5).

📄 Serve de parábola para aquele tempo: *“É isto uma parábola para a época presente”* (Hb 9.9), isto é, para o tempo do AT.

- A primeira aliança que não falhou fornece a promessa para uma segunda e melhor aliança: *“Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas. Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda”* (Hb 8.6-7).
- O autor compara a entrada do sacerdote uma vez ano no santo dos santos com uma obra inacabada: *“querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido”* (Hb 9.8).
- Por isso Cristo deveria se manifestar como mediador de uma nova aliança, oferecendo-se pelo Espírito eterno sem mancha diante de Deus: *“Muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!”* (Hb 9.14ss).

Todos esses contrastes entre o tabernáculo terrestre feito por mãos, e o maior e mais perfeito tabernáculo feito sem mãos, nos céus; o contraste entre o ministério terrestre dos sacerdotes da ordem levítica com o ministério de Cristo; a relação entre tipos e antítipos é perfeitamente visível no livro de Hebreus.

É a relação das cópias feitas a partir do modelo mostrado nos céus, com as existentes no próprio céu. As terreaux eram cópias, portanto, imperfeitas.

“Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores” (Hb 9.23).

O escritor acentua o verdadeiro modelo do céu com a cópia feita na terra. “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu” (Hb 9.24).

E) O TABERNÁCULO DO CÉU NA TERRA

1) Moisés ergueu o tabernáculo no deserto conforme o modelo que Deus lhe mostrou no monte Sinai (Ex 25.40; 26.30; At 7.44 c/ Ap 15.5).

Deus pedia a Moisés que fizesse tudo conforme o modelo que lhe havia mostrado. Por que? Porque o tabernáculo celestial é figura de um tabernáculo espiritual.

“Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21.3).

Obviamente que se trata aqui de pessoas. Se fosse possível poder-se-ia criar um neologismo e dizer que Deus “*tabernaculou*” entre os homens.

O sentido de tabernáculo é o de habitação, portanto, “*tabernacular*” é habitar.

Conforme 2 Coríntios 5.1-4 o tabernáculo é o corpo ou a habitação. Assim, o tabernáculo que João viu no céu é também uma habitação: Deus habitando com os homens.

2) O sacerdote tinha de si na terra um tabernáculo cheio de elementos que eram figuras e “*sombra das coisas celestes*” (Hb 8.4).

Portanto, é possível a partir daí tomar as peças do tabernáculo e ver nelas as sombras ou figuras de algo espiritual.

II. A TIPOLOGIA VISTA NO LIVRO DE APOCALIPSE

A tipologia como vimos até agora compara o passado com o presente. São pessoas e coisas do AT que são tipos apontando para o futuro, para a era da igreja. Tais figuras apontam para as realidades do reino de Deus.

No entanto, o reino de Deus pode ser visto como algo presente e futuro. Quando chegamos ao Apocalipse – um livro que é a revelação das *“coisas que em breve devem acontecer”* (Ap 1.1 c/ 4.1), descobrimos que o autor se reporta ao Antigo Testamento para buscar as figuras do futuro, da mesma maneira que Paulo e o autor de Hebreus fizeram ao comparar os tipos do passado com os cristãos do presente.

Nas cartas às sete igrejas, é verdade, ele trata com as situações do momento e o uso que faz das figuras do Antigo Testamento em nada difere do que encontramos em outros livros do Novo Testamento.

A) O CANDELABRO E A IGREJA

Exemplo disso é a figura do candelabro, um tipo que aponta para o futuro. As sete lâmpadas do candelabro de ouro no tabernáculo do AT se tornam um tipo das sete igrejas.

“Vi sete candeeiros de ouro (...) quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas” (Ap 1.12,20).

B) OS REIS E SACERDOTES

Reis e sacerdotes do AT apontavam para reinos e sacerdotes de Deus agora libertos de seus pecados pelo sangue de Jesus.

“E da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (Ap 1.5-6).

E a história de Israel fornece-nos tipos, não apenas do cristianismo vivo de nossas igrejas, mas da falsa doutrina e imoralidade que faziam as lâmpadas da igreja se apagarem.

Balaão é o antítipo dos seguidores de sua doutrina ou balaamitas. *“Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição” (Ap 2.14)* e Jezabel, a falsa e iníqua profetiza que seduzia os servos de Deus um antítipo de uma mulher falsa na igreja. *“Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos” (Ap 2.20).*

C) OS TIPOS DO AT MANIFESTADOS NO APOCALIPSE

1) O Jardim do Éden prefigura “o paraíso de Deus”.

“Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus” (Ap 2.7).

É também uma figura que aparece no meio do jardim terreal:

“... e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.9).

E do jardim o homem caído foi expulso.

“O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden” (Gn 3.22).

2) A árvore do Jardim reaparece no Jardim de Deus, conforme se vê na letra a desse ponto (Ap 2.7) e cujas folhas servem para cura das nações:

“No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos” (Ap 22.2).

3) Outros tipos são apresentados pela história do povo escolhido e da terra Prometida.

 Sodoma e Egito são figuras de uma Jerusalém terrestre que se desviou do propósito divino: *“... e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado” (Ap 11.8).*

Os cristãos de hoje acreditam que Israel é uma terra santa e que Jerusalém é uma cidade santa, mas Jesus vê a cidade de Jerusalém como Egito e Sodoma. Pecaminosa, opressora e nada santa. A única Jerusalém santa é a igreja do Deus vivo.

 A queda de Babilônia se torna uma parábola da queda da grande cidade que fez que reis e poderosos bebessem do vinho de sua prostituição: *“Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” (Ap 14.8).*

 O cântico triunfal de Moisés e dos israelitas, se torna *“o cântico de Moisés, servo de Deus e o cântico do Cordeiro” (Ap 15.3 c/ Dt 31.30 a 32.4).*

- ☞ O maná que sustentou o povo de Israel no deserto por quarenta anos é oferecido a todos os vencedores: *“Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido”* (Ap 2.17).
- ☞ As doze tribos reaparecem em Apocalipse 7.4-8 no número dos 144 mil que foram selados por Deus (Ap 7.4-8).
- ☞ Jerusalém aparece transfigurada na Nova Jerusalém, a cidade de Deus: *“... a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome”* (Ap 3.12). *“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo (...) e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus”* (Ap 21.2,10).
- ☞ O monte Sião onde as tribos eram congregadas se torna o local de encontro da multidão de remidos. *“Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o seu nome e o nome de seu Pai”* (Ap 14.1ss).

4) Servir a Deus nos céus é o mesmo que adorar a Deus: *“Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão”* (Ap 22.3). *“... razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo”* (Ap 7.15). **Obs:** Estudante note que o verbo servir desses dois versículos não é *diaconeo* que aparece noutros textos, mas *latreio* - que significa um serviço recompensado ou assalariado!

5) O autor usa o santuário e os serviços ministrados no santuário como tipos do santuário celestial.

- (a) O tabernáculo do deserto é uma figura do “tabernáculo de Deus”, no qual ele habitará para sempre com seu povo: *“Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles”* (Ap 21.3ss).
- (b) O templo de Jerusalém era um tipo do “templo de Deus que está no céu”. *“Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário”* (Ap 11.19, c/ 3.12; 7.15).
- (c) Os pilares do templo são um tipo ou uma figura do cristão vencedor: *“Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém...”*.
- (d) Arão e seus filhos com suas vestes santificadas, cheias de glória e de beleza (Ex 28.1ss), reaparecem nos anjos do templo celestial: *“... e os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário, vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos ao peito com cintas de ouro”* (Ap 15.6). O sentido positivo do linho para os crentes? A própria escritura no-lo interpreta: *“Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos”* (Ap 19.8).
- (e) O altar com seus quatro chifres (Ex 30.3) é um antítipo do altar dos céus: *“O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus”* (Ap 9.13 cf. 6.8; 8.3).
- (f) A arca da aliança ainda pode ser vista no seu templo: *“Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário”* (Ap 11.19 cf. *“o tabernáculo do testemunho”* em 15.5).

- (g) Existe um incensário de ouro no céu cheio de incenso; mas o incenso do céu é feito com a oração dos santos (Ap 5.8; 8.3 cf. Lv 16.12ss).
- (h) Assim como a expiação era figura central nos sacrifícios feitos na terra de Israel (Ex 30.19, cf. Hb 9.7ss), Jesus, o antítipo de todos os sacrifícios antigos aparece citado vinte e sete vezes na figura do Cordeiro. O sentido redentor e vitorioso aparece no livro de Apocalipse em que o Cordeiro aparece como sendo morto, e, contudo, em pé diante do trono (Ap 5.6,9,12, cf. 1.18: “... e *aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno*”). Agora, revestido com poder e conhecimento, ‘tendo sete chifres e sete olhos’ (Ap 5.6) e, contudo comprando-nos para Deus com seu sangue: “*Porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra*” (Ap 5.9 cf. 7.14 e 12.11).

GÊNESIS E SEU COMPLEMENTO NO APOCALIPSE

Gênesis	Apocalipse
1. Gênesis, o livro dos começos.	1. Apocalipse, o livro do fim.
2. A terra criada (1.1).	2. O fim da terra (21.1).
3. Primeira rebelião de Satanás	3. Rebelião final de Satanás (20.3-10)
4. Sol, lua e estrelas governam a terra (1.14-16).	4. Sol, lua e estrelas ligadas ao julgamento da terra (6.13; 8.12; 16.8).
5. O sol para governar o dia (1.16).	5. Não haverá necessidade do sol (21.23).
6. As trevas foram chamadas, noite (1.5).	6. Não haverá mais noite (22.5).

- | | |
|--|--|
| <p>7. As águas chamadas de mar (1.10).</p> <p>8. Rio para abençoar as nações (2.10-14).</p> <p>9. Homem à imagem de Deus (1.26).</p> <p>10. Entrada do pecado (3).</p> <p>11. A maldição proferida (3.14,17).</p> <p>12. A morte entrou (3.19).</p> <p>13. Os Querubins mencionados pela primeira vez em relação ao homem (3.24).</p> <p>14. O homem expulso do Éden (3.24).</p> <p>15. A árvore da vida é protegida (3.24).</p> <p>16. Tristeza e sofrimento entram na terra (3.17).</p> <p>17. A religião humana, as artes e ciências apenas para o prazer do homem, distantes de Deus (4).</p> <p>18. Ninrode, um rei rebelde, e um anti-Deus oculto, fundador da Babilônia (10.8,9).</p> <p>19. Dilúvio enviado por Deus para destruir a geração rebelde (6-9).</p> <p>20. O arco-íris sinal da aliança de Deus com os homens (9.13).</p> <p>21. Sodoma e Egito, lugares de corrupção e tentações (13,19).</p> <p>22. A confederação contra Abraão e seus descendentes derrotada (14).</p> <p>23. Casamento primeiro Adão (2.18-23).</p> <p>24. Busca-se uma esposa para Isaque, filho de Abraão (24).</p> <p>25. Dois anjos agem diante de Deus a favor de seu povo (19).</p> | <p>7. O mar já não existirá (21.1).</p> <p>8. Um rio para a nova terra (22.1-2).</p> <p>9. Homem à imagem de Satanás (13).</p> <p>10. Fim do pecado (21 e 22).</p> <p>11. Não mais maldições (22.3).</p> <p>12. Não haverá mais morte (21.4).</p> <p>13. Os Querubins mencionados em relação ao homem (4.6).</p> <p>14. Homem restaurado (22).</p> <p>15. "Direito à árvore da vida" (22.14).</p> <p>16. Não haverá mais tristeza (21.4).</p> <p>17. A religião, luxúria, arte e ciência, e toda sua glória, destruídas por Deus (18).</p> <p>18. A besta, o grande rei rebelde e manifestado como anti-Deus, o reavivador da Babilônia (13-18).</p> <p>19. Dilúvio enviado por Satanás para destruir a geração eleita (12).</p> <p>20. O arco-íris como lembrança da aliança de Deus com a terra (4.3; 10.1).</p> <p>21. Sodoma e Egito outra vez: (espiritualmente representando Jerusalém 11.8).</p> <p>22. A confederação contra a descendência de Abraão derrotada (12).</p> <p>23. Casamento do último Adão (19).</p> <p>24. A noiva adornada para o Filho de Abraão (19.9) Veja Mateus 1.1.</p> <p>25. Duas testemunhas agem diante de Deus a favor de seu povo (11).</p> |
|--|--|

26. A semente prometida que dominará a porta de seus inimigos (22.17).	26. A semente prometida entra para tomar posse (11.18).
27. Fim do domínio do homem e começo do domínio de Satanás (3.24).	27. Fim do domínio de Satã e o domínio do homem restaurado (22).
28. A velha serpente trazendo pecado, sofrimento e morte (3.1).	28. A velha serpente é aprisionada por mil anos (20.1-3).
29. Anúncio da condenação de Satanás (3.15).	29. A condenação de Satanás é finalmente feita (20.10).
30. Sol, lua e estrelas, associadas com Israel (37.9).	30. Sol, lua e estrelas, associadas novamente a Israel (12).

Extraído do apêndice de *Companion Bible*

Comparando as visões de João no Apocalipse com as de Daniel e Ezequiel:

A visão	Ezequiel	Apocalipse
A visão do trono	Capítulo 1	Capítulo 4
O livro revelado	Capítulos 2 e 3	Capítulo 5
As quatro pragas	Capítulo 5	Capítulo 6.1- 8
Mortos sob o altar	Capítulo 6	Capítulo 6.9-11
A ira de Deus	Capítulo 7	Capítulo 6.12-17
O selo na fronte dos santos	Capítulo 9	Capítulo 7
As brasas do altar	Capítulo 10	Capítulo 8
A destruição de 1/3	5.1-4 e 12	8.6-12
Sem demora	Capítulo 12	10.1-7
Comendo o livro	Capítulo 12	10.8-11
Profecia contra as nações	25 a 32	10.11
A medição do templo	40 a 43	11.1-2
A videira	Capítulo 15	14.18-20
A grande meretriz	16 e 23	17 e 18
Cântico de lamento sobre a cidade	Capítulo 27	Capítulo 18
O juízo da grande meretriz	Capítulo 39	Capítulo 19
A primeira ressurreição	Capítulo 37	20.4-6
Gogue e Magogue	38-39	20.7 a 9
A nova Jerusalém	40 - 41	21
O rio da Vida	47	22

Paralelos entre as visões de Apocalipse e as de Daniel:

A visão	Daniel	Apocalipse
Período de 3 anos e meio citado 2 vezes	12.7	11.9-11
Os dez chifres	7.8	12.3; 13.1; 17.3,8
O leopardo, o urso e o leão	7.4-6	13.2
A boca que fala blasfêmia	7.8 e 11	13.5
Guerra contra os santos	7.21	13.7
Adoração à imagem da besta	3.5-7,15	13.7
A volta do Filho do Homem em glória	7.13	1.7 e 14.14

ATIVIDADES – LIÇÃO II

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Ezequiel, enquanto Deus não lhe falava nada, ficava mudo. Deus lhe fechava a boca. Ele só falava quando vinha palavra de Deus nos seus lábios. C48
- 2) ☐ Ezequiel a pedido de Deus tinha que dormir de um lado só 390 dias, e depois mais 40 dias do outro lado (Ez 4). C48
- 3) ☐ O profeta Elias usou flechas para falar profeticamente ao rei Jeoás. E49
- 4) ☐ Os profetas, a pedido de Deus usavam enigmas e parábolas para ilustrar uma mensagem. Ezequiel usa a parábola das duas águias e da videira (Ez 17), Israel e a Babilônia. C51
- 5) ☐ Em Hebreus o aluno encontra grande quantidade de figuras tipológicas. O autor do livro apresenta a aliança entre Deus e homem buscando provar aos seus leitores judeus que o cristianismo, a religião da nova aliança é melhor que o judaísmo, a religião do AT. C54

- 6)  O Livro De Hebreus trata de contrastes ou comparações entre a ordem antiga e a nova, comparando o passado com o presente. C55

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição III

Os Números e Elementos da Bíblia e Cristo nos Salmos

O SENTIDO ESPIRITUAL DOS NÚMEROS E DE ELEMENTOS DA BÍBLIA

Nesta lição o estudante aprenderá sobre o sentido espiritual de certos números da Bíblia e de alguns elementos que eram usados por profetas, sacerdotes e povo que possuem também uma lição ou uma aplicação espiritual.

I. O SENTIDO ESPIRITUAL DOS NÚMEROS

Os esotéricos e místicos costumam usar a numerologia para fazer previsões ou para mudar o nome de cidades, coisas ou pessoas, porque acreditam que as letras têm equivalência numérica e podem mudar o futuro de uma pessoa, seja para o lado negativo ou positivo.

Mas, não se trata de gematria¹, e sim do sentido espiritual dos números da Bíblia, que nada tem a ver com o futuro das pessoas, mas com o propósito de Deus em relação a cada pessoa. É certo que o próprio Deus mudou os nomes de pessoas indicando o que elas seriam no futuro. Moisés também mudou o nome de Oséias para Josué, e os apóstolos mudaram o nome de José para Barnabé. Nada indica, porém, que seus nomes eram negativos.

¹ Gematria ou Guematria é o método hermenêutico de análise de palavras, atribuindo um valor numérico definido a cada letra.

As letras hebraicas e gregas possuem sentido numérico; não é o caso do português ou do inglês. É que os hebreus não tinham números como o latim, a raiz do português e das demais línguas latinas. Os hebreus usavam as letras como números quando destes precisassem utilizar.

É importante neste estudo que o estudante compreenda a diferença entre o sentido esotérico dos números, que nada tem a ver com a Fé viva, eficaz e genuína que o cristão professa, com propósito de Deus. Indiscutivelmente os números da Bíblia possuem um sentido espiritual que pode ser apresentando da seguinte maneira:

☞ **UM. Trata de Unidade (Ef 4.4-6) e começo.** As primeiras ocorrências de palavras ou expressões mostram sua essência espiritual quando interpretados. Palavras que ocorrem apenas uma vez nos originais são enfáticas e importantes. Primeiro dia: luz. As primeiras ocorrências de todas as palavras importantes podem ser vistas nas margens dos originais.

☞ **DOIS. Diferença.** Quando duas pessoas totalmente diferentes *concordam* e testificam sobre algo é decisivo numa decisão. Do contrário, dois implica em *oposição*, *inimizade* e *divisão*, como aconteceu com a obra da criação no segundo dia. Compare com o uso das palavras “dobro”, aplicadas ao “coração”, “língua”, “mente”, etc.

Mas, pode também ser usado com o sentido de testemunho (Ap 3.14; Cl 1.15). Jesus enviou seus discípulos dois a dois (Lc 10.1). Ainda Hebreus 10.28; 1 Timóteo 5.19; 2 Coríntios 13.1-2; Dt 19.15-21.

☞ **TRÊS. Completude,** como três linhas que se completam e formam uma figura geométrica. Assim, três fala da importância da perfeição e completudes divina. O terceiro dia

da criação completa a obra fundamental da criação. O quarto, quinto e sextos dias são a contrapartida e repetição do primeiro, segundo e terceiros dias e se completam entre si. Veja a estrutura do livro de Gênesis no começo da Bíblia.

O número três fala também de testemunho abundante.

- 1) Três definições sobre Deus: Deus é Espírito; Deus é luz; Deus é amor.
- 2) Três divisões do tabernáculo: O átrio, o santuário e o santo dos santos.
- 3) Três minerais usados na construção do tabernáculo: Ouro, prata e bronze. O ouro representa o que é divino, puro, santo. A prata era usada como moeda de compra, de redenção, e o bronze ou cobre fala do juízo, que pode resistir ao fogo (Ap 1.15).
- 4) Três cores são mencionadas juntas: O azul, o púrpura e o vermelho.
- 5) Três acessos ao tabernáculo: O portão, a cortina da porta e o véu do santuário.
- 6) Três lâmpadas: (a) A luz natural sobre o átrio; (b) a luz que vinha do candelabro no santuário e (c) a luz da glória *shekinah* no santo dos santos.
- 7) Três grandes festas dos judeus: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos.
- 8) Três líquidos usados no tabernáculo: Sangue; água e azeite.
- 9) Três tipos de sacrifícios eram oferecidos: (a) O touro; (b) ovelhas ou carneiros; (c) pombas e rolinhas.

- 10) Três locais onde o sangue era aspergido: (a) O altar de bronze que fala da cruz; (b) Sobre o altar de ouro (sua intercessão); (c) O propiciatório (o trono de Deus).
- 11) Três vezes o Jordão foi dividido poderosamente: (a) Quando Israel entrou em Canaã; (b) Quando Elias o atravessou; (c) Quando Eliseu o atravessou.
- 12) Jonas ficou no ventre da baleia três dias (Jo 1.17).
- 13) Jesus esteve três dias no túmulo (Mt 12.40).
- 14) Os evangelhos registram Deus falando dos céus três vezes: (a) No batismo de Jesus (Mt 3.17); (b) Na transfiguração (Mt 17.5); (c) Antes da Páscoa (Jo 12.28).
- 15) Jesus ressuscitou três pessoas de entre os mortos: (a) A filha de Jairo (Mc 5.22); o filho da viúva de Naim (Lc 7.14); (c) Lázaro (Jo 11.43).
- 16) Cristo foi crucificado na terceira hora (M 15.25).
- 17) A acusação contra Jesus foi escrita em três idiomas: Hebraico; grego e latim (Lc 23.38; Jo 19.20).
- 18) As três partes de uma pessoa: Espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23; Hb 4.12).

☞ **QUATRO. Denota criatividade** (3+1) e sempre é uma referência à criação, *coisas pertencentes a terra*, e coisas “debaixo do sol”, e outros temas terreaux.

☞ **QUINTO. Graça divina.** É 4+1. Deus acrescentando seus dons e bênçãos às obras de suas mãos. A palavra hebraica *ha`aretz* (a terra) através da “gematria” (isto é, adição aos valores numéricos das letras do hebraico) é um múltiplo de quatro, enquanto *hashamayin* (os céus) é um múltiplo de

cinco. A gematria da palavra "charis" no grego, palavra que quer dizer graça é também múltipla de cinco. É fator importante nas medidas do tabernáculo.

SEIS. É o número do homem. Fala da imperfeição. O homem foi criado no sexto dia; e a primeira ocorrência do número faz dele e de seus múltiplos o ponto alto de tudo o que diz respeito ao homem. O homem trabalha seis dias. As horas de seu dia formam um múltiplo de seis. Nomes de grandes homens que se levantaram contra o povo de Israel (Golias, Nabucodonosor e o anticristo), têm a somatória de seis em seus nomes.

SETE. Fala de perfeição espiritual. É a marca registrada da obra do Espírito Santo. Ele é o autor da Palavra de Deus, e o número sete é a marca registrada dele como a "marca-d'água" de uma nota de dinheiro ou um documento oficial. Ele é o Autor e Doador da *vida*. E sete é o número que rege cada período da incubação e gestação nos insetos, pássaros, animais e no homem.

- 1) O sangue oferecido pelos pecados era aspergido sobre o propiciatório sete vezes no dia da expiação (Lv 16.14-15).
- 2) Sete vezes Jesus falou de seu retorno no livro de Apocalipse: 2.25; 3.3,11; 16.15; 22.7, 12,20.
- 3) Existem sete bênçãos em Apocalipse (Ap 1.3; 14.13; 16.15; 20.6; 22.7,14).
- 4) Isaías 11.2-3 mostra os sete aspectos do Espírito Santo.
- 5) O livro de Apocalipse contém muitos setes. Estes são:
 - ✓ Sete espíritos diante do trono
 - ✓ Sete estrelas na mão direita de Cristo

- ✓ Jesus anda no meio dos sete candelabros
- ✓ Sete cartas às sete igrejas da Ásia
- ✓ O livro estava selado com sete selos
- ✓ Sete anjos estão diante do trono
- ✓ Sete trombetas
- ✓ Sete juízos
- ✓ Sete trovões

O número sete aparece aproximadamente 600 vezes por toda a Bíblia.

☞ **OITO. Fala de ressurreição e de regeneração**, de um novo começo. O número oito é o novo *primeiro*. Da mesma forma que a oitava nota repete a primeira na música, cores, dias da semana, etc. É o número que tem a ver com o Senhor, que ressuscitou no oitavo, ou no novo “primeiro dia”. É portanto o número *dominical*. Na gematria a soma do nome Jesus é 888. O oito ou seus múltiplos é marca de tudo que diz respeito aos nomes do Senhor, nomes do povo de Deus e das obras de Deus.

☞ **NOVE. Fala do objetivo ou finalidade dos julgamentos**. É a multiplicação de 3x3, a soma ou *resultado* da completude divina. O nove com seus fatores e múltiplos é visto nos casos em que estão em pauta os juízos.

- ✓ São nove bem-aventuranças (Mt 5.3-11)
- ✓ Nove virtudes (2 Pe 1.5-7)
- ✓ Nove exemplos de paciência (2 Co 6.4-5)
- ✓ Nove tipos de fruto do Espírito (Gl 5.22-23)
- ✓ Nove dons ou manifestações do Espírito (1 Co 12.8-10)

☞ **DEZ. Fala de perfeição ordinal**, quando um novo “primeiro” aparece depois do número nove, indicando uma nova numeração.

☞ **ONZE. Fala de desordem ou desorganização**, por ser um número a menos do que o doze que veremos a seguir.

☞ **DOZE. O doze fala de perfeição governamental** (Ap 21). É número ou fator ligado a governo, seja pelas doze tribos, pelos doze apóstolos, ou na medida de tempo, e coisas que têm a ver com o governo dos céus ou da terra.

- ✓ 12 portas
- ✓ 12 anjos
- ✓ 12 tribos
- ✓ 12 fundamentos
- ✓ 12 apóstolos do cordeiro

☞ **TREZE. Fala de rebelião, apostasia, defecção, desintegração e de revolução**. A primeira ocorrência está em Gênesis 14.4 e a segunda confirma-o (Gn 17.25). O treze e seus múltiplos podem ser vistos em todos os números e na gematria pode ser visto em todas as passagens ligadas a rebeliões.

☞ **DEZESSETE. É uma combinação de espírito e ordem** (10+7). É o sétimo número primo (como o treze é o sexto número primo).

Os demais números seguem as leis que governam os números menores, como seus fatores, somas, resultados de somatórias ou de múltiplos. Exemplos:

- ✓ 24 é 12×2 , uma forma superior de doze
- ✓ $25 = 5$ ao quadrado. Graça intensificada

- ✓ 27= 3 ao cubo. Divindade intensificada
- ✓ 28= 7x4 Perfeição espiritual em relação a terra
- ✓ 30=3x10. Perfeição divina aplicada à ordem
- ✓ 40=10x4. Ordem divina aplicada a coisas terreas, daí ser o número da provação

Os quatro **números perfeitos, 3,7,10 e 12** têm como resultado da multiplicação a maravilhosa soma de 2.520. É o mínimo múltiplo comum de dez dígitos governando todos os números, e pode, assim, ser dividido por cada um dos nove dígitos, sem que sobre fração. É o número da perfeição cronológica (7x360).

Nota: 2.520 anos é a soma dos anos bíblicos do dia em que Israel foi levado cativo para a Babilônia até a fundação do estado de Israel em 14 de maio de 1948, cumprindo-se assim as profecias bíblicas dos anos que Israel ficaria sem pátria.

II. O SENTIDO ESPIRITUAL DE ALGUNS ELEMENTOS

O estudante terá, a seguir, de forma reduzida alguns aspectos positivos e negativos de elementos como, incenso, sal, fermento, mel, fogo e água. Estes seis elementos são importantes porque têm a ver com a adoração, consagração e recursos espirituais do cristão.

Óleo, incenso e sal acompanhavam as ofertas de cereais, mas eram proibidos o fermento e o mel.

A) O óleo. Este sempre representa a presença e o poder do Espírito Santo. E está também ligado à vida de nosso Senhor (Sl 45.7; 89.19,20; Is 61.1). O óleo servia para ungir o corpo, agindo como hidratante, alimento e fonte de renda comercial. O estudante pode encontrar na Bíblia muitos textos

sobre o óleo ou azeite. Ao comparar um texto com outro poderá tirar lições preciosas, mas, não deve permitir de vista o sentido espiritual de que o Espírito Santo está sempre presente nos ungindo e nos capacitando para Deus. Ao falar de unção os profetas tinham em mente o óleo derramado sobre as pessoas simbolizando a Presença do Altíssimo.

B) O incenso. Este deveria ser queimado completamente. Incenso é perfume (Ex 25.6; 30.34-35). Fala de substâncias cheias de aroma das quais o incenso era fabricado. Fumaça. No Apocalipse é um tipo das orações dos santos: “... tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos” (Ap 5.8; 8.3-4).

C) O sal estava sempre presente na oferta de cereais. O sal serve para temperar e para preservar (Ex 30.34-38). Razão pela qual Jesus afirmou que somos o sal da terra: temperamos a sociedade e a preservamos.

D) O fermento. Quase sempre o fermento fala da ação do mal, mas não se deve ignorar que ele tem um aspecto positivo, porque faz a massa do pão crescer. Como as pessoas estão acostumadas ao fermento para o pão, pensam ser este um produto que só se consegue através de um processo de fabricação. Mas, basta tomar farinha de trigo e um pouco de água, fazer uma massa e deixá-la algumas horas para que se torne um fermento. Usa-se a própria lei da natureza, a fermentação para se conseguir um produto que levede a massa. Os israelitas sempre dispunham de um pouco de massa “podre” para fermentar o pão.

Durante a semana da Páscoa os israelitas deveriam lançar fora todo o fermento, ou tudo o que levedasse (Ex 12.15; Dt 16.4). A cevada amassada e molhada servia de

fermento; a uva amassada podia fermentar e virar vinho – se fosse armazenado.

O fermento fala de contaminação, e talvez esteja aí a razão de Jesus alertar seus discípulos sobre o fermento dos fariseus e escribas, isto é, o ensinamento deles (Mt 16.6,11-12). Alguns acham que o fermento da parábola de Jesus tem apenas sentido negativo, isto é, de que na massa do Evangelho sempre entra o fermento do mal (Mt 13.33).

Mas, alguns comentaristas veem aqui um aspecto positivo: O evangelho é como um fermento que entra na sociedade modificando sua cultura e a forma de pensar. Outros acham que se trata do mal, porque Paulo ao falar do fermento o faz de forma negativa (1 Co 5.6-8 e Gl 5.9).

Paulo usa a figura do fermento para mostrar que o comportamento pecaminoso de alguns irmãos contamina toda a “massa”, a igreja.

Mas, no dia a dia o fermento é importante, porque leveda o pão e o torna macio, leveda as bebidas como a cerveja e o vinho. Talvez esteja aí a razão de Jesus contar a parábola que compara o reino de Deus a uma mulher que colocou fermento na massa e esta levedou.

E) O mel. O mel não era colocado nos holocaustos, quem sabe, por tipificar a doçura humana. O que há de positivo sobre o mel? O que há de negativo sobre ele? A partir dessas duas perguntas pode-se usá-lo como símbolo negativo ou positivo. Ele é positivo porque a terra de Canaã é uma terra que “*mana leite e mel*” (Ex 3.8 etc.). As ofertas de manjares não podiam conter fermento e mel (Lv 2.11). Agora, querer afirmar que o mel fala de coisas negativas é ignorar as Escrituras, pela quantidade de textos tanto no Antigo como no Novo Testamento que abordam favoravelmente ao mel.

F) Fogo. Aproveite a sequência deste tema e aprenda alguma verdade sobre o fogo. Parece simbolizar a maneira como Deus se manifestava.

- ✓ A Moisés se manifestou em forma de fogo queimando uma sarça no deserto (Ex 32.).
- ✓ A nuvem de fogo guiava o povo durante as jornadas noturnas (Ex 13.21; Nm 9.16).
- ✓ Deus se manifestou ao povo de Israel no monte Horebe em forma de fogo (Ex 19.18; 24.17).
- ✓ O fogo sempre acesso sobre o altar pode falar do sacrifício contínuo que o povo faz a Deus (Lv 6.2,13).
- ✓ O fogo também é uma figura da ira do Senhor (Nm 11.1; 16.35; Dt 4.24).
- ✓ O fogo fala do castigo futuro sobre os ímpios (Mt 18.9; 25.41; Mc 9.44; Ap 20.5; 21.8).
- ✓ O fogo fala de “provação”. A maioria das pessoas interpreta que o batismo com o Espírito Santo e com fogo é uma coisa só. Mas, o batismo com o Espírito Santo é uma coisa e batismo com fogo é outra diferente. Fogo fala de provação. No mesmo contexto que anuncia o batismo com Espírito Santo (Mt 3.11), complementa dizendo: *“A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”* (Mt 3.12). Em Atos 1 Jesus anuncia que não muito depois daqueles dias os discípulos seriam *“batizados com Espírito Santo”* (At 1.5) e Jesus não faz menção do fogo.

G) Água. A água pode ter vários sentidos nas sagradas escrituras, mas um sentido é central: *o da purificação*.

- 1) Servia para purificação nos rituais do tabernáculo e do templo:

“Então, farás que Arão e seus filhos se cheguem à porta da tenda da congregação e os lavarás com água (Ex 29.4). “Farás também uma bacia de bronze com o seu suporte de bronze, para lavar. Pô-la-ás entre a tenda da congregação e o altar e deitarás água nela; Quando entrarem na tenda da congregação, lavar-se-ão com água, para que não morram; ou quando se chegarem ao altar para ministrar, para acender a oferta queimada ao Senhor” (Ex 30.18,20).

- 2) Usada para purificação pessoal – até os dias de hoje (Lv 14.8,9; 15.5-27; Ez 16.9).
- 3) Usada como símbolo da palavra de Deus: “Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a relva e como gotas de água sobre a erva” (Dt 32.2; 1Jo 1.5).

No Novo Testamento a água às vezes se refere a palavra de Deus ou a presença do Espírito Santo. Em João 4 a água que sacia é o próprio Jesus. Já em João 7.37-39 a água é o Espírito Santo.

- 4) Ezequiel a apresenta como um tipo da palavra purificadora: “Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei” (Ez 36.25). Em Ezequiel 47 temos uma alusão profética de um rio que sairá de debaixo do altar do templo em Jerusalém e que correrá em direção ao mar Morto, tornando-o saudável.

O estudante poderá obter diferentes lições deste texto sobre a palavra de Deus operando, purificando e como água trazendo vida às pessoas.

VENDO CRISTO NOS SALMOS

I. OS SALMOS E CRISTO

A) ALGUNS SALMOS APONTAM PROFETICAMENTE PARA CRISTO

Os Salmos 22, 23 e 24 são tidos como Salmos messiânicos, porque seu teor é profético e alude ao nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, outros Salmos apontam também para Cristo e sua obra, como no Salmo 2.4 que alude ao governo de Cristo:

“Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro. Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra. Servi ao Senhor com temor e alegrai-vos nele com tremor. Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam” (Sl 2.6-12).

O Novo Testamento menciona este Salmo ao se referir a Jesus como Filho de Deus, em Atos 13.33; Hb 1.4 e 5.5.

E a expressão *“hoje te gerei”* é uma figura de linguagem chamada antropopatia², e refere-se à ressurreição de Cristo, e para tanto, o mesmo texto de Atos 13.33 aborda a ressurreição. Veja também texto similar em Romanos 1.3-4.

1) Salmo 22. O Messias, o bom pastor em sua morte (Jo 10.11)

Neste Salmo messiânico Cristo, o Messias é visto em seu sofrimento e glória. Dos versículos 1-21 lemos de seu sofrimento, e dos versículos 22 a 31 de sua glória. Davi, inspirado pelo Espírito Santo fala do Filho de Deus (Mt 22.41-45). Jesus diz de si mesmo em Apocalipse que ele é *“... a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã”* (Ap 22.16).

O Salmo está recheado de anúncios sobre Cristo que são mencionados no Novo Testamento. A seguir as declarações diretas a respeito de Cristo.

- (1) O versículo que abre o Salmo: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”* foi seu grito na cruz (Mt 27.46).
- (2) O versículo 8: *“Confiou no Senhor! Livre-o ele; salve-o, pois nele tem prazer”* é citado em Mateus 27.43; Mc 15.29 e Lc 23.35.
- (3) O versículo 18: *“Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes”* é citado em Mt 27.35; Mc 15.24; Lc 23.34 e João 19.24.
- (4) O versículo 22: *“A meus irmãos declararei o teu nome; cantar-te-ei louvores no meio da congregação”* é citado pelo autor de Hebreus 2.12.

² **Antropopatia** é a atribuição de sentimentos humanos a Deus.

Existem, em todo o Salmo declarações indiretas que podem ser atribuídas ao sofrimento de Cristo, como esses:

“Cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim. Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes” (vv 16-18).

“Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apegava ao céu da boca; assim, me deitas no pó da morte” (vv 14-15).

2) Salmo 23. O Messias, o grande Pastor em sua ressurreição (Hb 13.20).

3) Salmo 24. O Messias. O Supremo Pastor em glória.

Neste Salmo o Messias é apresentado como Rei vitorioso, coroado e um cântico de louvor ouve-se nos céus: *“Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é o Rei da Glória? O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é esse Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória”* (vv 7-10).

B) OS SALMOS SÃO CITADOS NO NOVO TESTAMENTO, PORTANTO, EM MUITOS DELES EXISTEM FIGURAS, SÍMBOLOS, TIPOS E ANTÍTIPOS DA ERA PRESENTE

✓ *“Como está escrito”* ou *“escrito está”*. (Mt 4.6 cf. Sl 91.1; Jo 2.17 cf. Sl 69.9; Jo 6.31 cf. Sl 78.24,25; At

13.33 cf. Sl 2.7; Rm 3.4 cf. Sl 51.4; 2 Co 4.13 cf. Sl 116.10).

- ✓ “Davi” ou “em Davi” ou nos Salmos de Davi. (Mt 22.43 cf. Sl 110.1; At 2.25 cf. Sl 16.8; At 2.34 cf. Sl 110.1; Rm 4.6 cf. Sl 32.1-2; Rm 11.9-10 cf. Sl 69.22-23; Hb 4.7 cf. Sl 95.7).

E assim, o estudante poderá seguir seu estudo trabalhando em cima de Salmos citados direta ou indiretamente no Novo Testamento.

II. OS SALMOS: A ESTRUTURA DO LIVRO COMO UM TODO*

Estudar os Salmos procurando neles ver os tipos e antítipos constituem-se numa tarefa agradável ao estudante da Bíblia. O tema a seguir apresentado no apêndice na *Companion Bible* é riquíssimo. Os Salmos foram divididos em

* Manuscritos antigos, autoridades em documentos *massoréticos*, o Talmude (*Kiddushin* 33^a) e versões antigas dividem os Salmos em cinco livros. O *midrash* sobre o Salmo 1 diz: “Moisés deu aos israelitas os cinco livros da lei, e de maneira correspondente Davi lhes deu os cinco livros dos Salmos”.

Como a estrutura de cada Salmo é perfeita em si mesma, podemos encontrar a mesma perfeição nos arranjos dos cinco livros como um todo. Várias tentativas foram feitas no passado para saber por que os salmos estão classificados em cinco livros, mas não se achou ainda uma explicação tão plausível para tal arranjo como esta.

O certo é que a atual ordem que temos nos Salmos é a mesma que existia quando os Salmos foram citados repetidamente por Jesus e pelo Espírito Santo através dos evangelistas e dos apóstolos. De fato, em Atos 13.33 Paulo, pelo poder do Espírito Santo usou a expressão “Salmo *segundo*”, o que nos deixa alicerçados em terra firme.

Existem razões, portanto por que o “Salmo *segundo*”, por exemplo, não é o 72 e por que o Salmo *noventa*, (que é o mais antigo dos Salmos, uma oração de Moisés) não é o Salmo *primeiro*?

O final de cada livro é destacado acima. Existem neles sete “améns”, e vinte e quatro aleluias! Todos eles (exceção feita aos quatro no livro IV) estão no livro V.

cinco livros pelos rabinos – e acredita-se que Esdras tenha sido o mentor dessa divisão. Cada livro corresponde a um livro do Pentateuco. A divisão hebraica dos Salmos está presente na numeração das edições em português.

O tema é apresentado neste estudo de tipologia, porque os Salmos divididos em cinco livros tipificam os cinco livros de Moisés, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

SALMOS - OS CINCO LIVROS

Assim, do Salmo 1 ao Salmo 41 o escriba do AT apresenta a primeira divisão:

SALMOS 1 AO 41 – LIVRO DE GÊNESIS

TEMA CENTRAL: A respeito do homem. Os conselhos de Deus sobre o homem. Todas as bênçãos estão ligadas à obediência (Sl 1.1 c/ Gn 1.28). A obediência é a “árvore da vida” do ser humano (Sl 1.3 c/ Gn 2.16). A desobediência lhe trouxe ruína (Sl 2 c/ Gn 3). A ruína consertada apenas pelo Filho do Homem na sua obra expiatória como a semente da mulher (cf. Sl 8 c/ Gn 3.15). O livro conclui com uma bênção e um amém duplo.

As divisões deste Salmo são um tipo ou figura do homem, como ser humano, do Filho do Homem, Jesus Cristo, do Anticristo e seu domínio temporal sobre a terra e novamente do homem, Jesus Cristo.

1-8 - “O HOMEM” E “O FILHO DO HOMEM”.

Salmo 1. O homem abençoado. A lei do Senhor é seu prazer (refere-se ao paraíso).

Salmo 2. O homem rebelde. Meditações vãs contra o Filho de Deus, através de quem o domínio universal será restaurado (v 12 c/ Hb 1.5).

Salmo 3. Oração, levando-se em conta esta rebelião (manhã). O Senhor meu escudo (v 3). (Inimigos de fora).

Salmo 4. Oração, levando-se em conta esta rebelião (noite). Até quando? (v 2). (Inimigos de fora).

Salmo 5. Oração, levando-se em conta esta rebelião. O Senhor é meu rei (v 2). (Tristeza interior).

Salmo 6. Oração levando-se em conta esta rebelião. Até quando? (v 3). (Tristeza interior).

Salmo 7. O homem abençoado. Confiando no Senhor, sua defesa.

Salmo 8. Rebelião controlada. O filho do homem exaltado com domínio na terra.

SALMOS 9 A 15 - “O HOMEM DA TERRA”.

Salmo 9 e 10 - “O homem da terra”. O anticristo. Seus dias. Seu caráter e seu fim. “horas de tribulação” (9.9; 10.1). A Grande tribulação. Dois salmos interligados com o alfabeto em acróstico, interrompidos, como “aqueles tempos”.

Salmo 11. Oração, tendo em vista “as horas de tribulação” (9 e 10).

Salmo 12. A vaidade do homem.

Salmo 13. Oração, tendo em vista (9 e 10) as “horas de tribulação”.

Salmo 14. A depravação do homem.

Salmo 15. O homem perfeito. Seu caráter e habitação eterna, introduzindo o salmo 16

SALMOS 16-41 - O HOMEM CRISTO JESUS

Salmo 16. Tomando sua posição de sofrimento. O Senhor repartindo a herança.

Salmo 17. Oração e apelo tendo em vista o salmo 16.

Salmo 18. Resposta à oração do salmo 17, com promessas de libertação e triunfo.

Salmo 19. O povo de Deus reconhece a glória de Deus na Criação e na revelação.

Salmo 20. Oração do povo de Deus ao verem no Messias sua própria salvação.

Salmo 21. Exultam pela exultação do Messias.

Salmo 22. O Bom Pastor na Morte (Jo 10.11). Expição a base de toda bênção.

Salmo 23. O Grande Pastor na ressurreição (Hb 13.20). Ressurreição, a base das bênçãos do presente.

Salmo 24. O Supremo Pastor na Glória (1 Pe 5.4). A volta de Jesus, a base de toda bênção futura.

Salmo 25. Oração com referências ao Salmo 16 (P). Os “caminhos” e as “veredas” (cf. vv 4, 8-10, 12 c/ 16.11).

Salmo 26. Oração com referências ao Salmo 17 (Q). Apelo à integridade (17.1-4).

Salmos 27 e 28. Orações com referências ao Salmo 18. Respostas do Senhor como sua “rocha” e “libertador”.

Salmo 29. O louvor do povo pela glória de Deus na criação, c/ capítulo 19.

Salmo 30 e 31. Louvor, ao virem as respostas ao Salmo 20. (O Sl 33 é o primeiro “cântico novo”, no saltério).

Salmo 34. Regozijo pela exultação do Messias, como no Sl 21.

Salmos 35 e 36. Oração e louvor a respeito da expiação como base de toda bênção, cf. cap. 22.

Salmo 37. Instruções sobre as bênçãos do tempo presente, em vista do Salmo 23.

Salmos 38, 39, 40 e 41. Oração e louvores em referência às bênçãos futuras. Capítulo 41.12, a resposta divina ao Salmo 24.3.

SALMOS 42 AO 72 – LIVRO DE ÊXODO

TEMA CENTRAL: A respeito de Israel como nação. Os conselhos de Deus a respeito da ruína de Israel e a sua redenção (Ex 15.13). Compare Sl 68.4 com Ex 15.3, “JAH”³. Começa com o clamor de Israel por libertação e termina com os reis de Israel reinando sobre a nação redimida. O livro conclui com uma bênção e um amém duplo.

Estes Salmos falam a respeito de Israel como nação, e podem ser divididos da seguinte maneira:

A RUÍNA DE ISRAEL – SALMOS 42-49

Salmos 42-43. A ruína e a opressão chegaram (42.9; 43.2). Nenhuma ajuda do homem. Começa com lamentações e choro da mesma forma que o livro de Êxodo (c/ Ex 2.23; 3.7-9; 6.9).

Salmo 44. O grito de socorro ao libertador e redentor (vv 23-26).

³ **Jah** ou **Yah** (hebraico יי) é uma forma poética abreviada do Tetragrama YHWH (יהוה), o nome atribuído a Deus.

Salmo 45. O libertador é louvado. Resposta ao clamor.

Salmo 46. O socorro do libertador (48.8).

Salmo 47-48. O libertador é louvado (48.8 com 44.1).

Salmo 49. A ruína e a necessidade de redenção, e o socorro de Deus. Nenhuma ajuda humana (v 7), somente do Senhor (v 15).

O REDENTOR DE ISRAEL – SALMOS 50-60

Salmo 50. Deus fala ao seu povo. Ele interrompe o silêncio como o fez em Êxodo 3.4 c/ Hb 12.25-26.

Salmo 51. Transgressões. Confessadas e perdoadas.

Salmos 52-55. Transgressores. Transgressões não confessadas e destruídas.

Salmos 56-60. O povo de Deus fala ao Senhor sobre o Redentor de Israel e sua obra. Falando da morte e ressurreição.

A REDENÇÃO DE ISRAEL – SALMOS 61-72

Salmos 61-64. Israel aguarda sua libertação “*dos confins da terra*”, que é obra de Deus somente (64.9).

Salmo 65. Sião espera ser abençoada.

Salmos 66-67. Louvor prometido. A tribulação é lembrada (66.10-12).

Salmo 68. Resposta aos salmos 61-67. Deus se levanta. “Bendito seja Deus” (v 35).

Salmo 69. O rei espera a libertação (v 14) dos sofrimentos,

vergonha e tristezas. (Oferta pela transgressão).

Salmo 70. O rei espera sua libertação. “Apressa-te”.

Salmo 71. Louvor prometido (vv 22-24). A tribulação é lembrada (v 20).

Salmo 72. A resposta. O rei reina. “Bendito seja o Senhor Deus” (v 18). Este era seu grande anelo (2 Sm 23.5). A nação remida é abençoada e torna-se bênção para todas as nações. Versículo 20 – “Findam-se as orações de Davi, filho de Jessé”.

SALMOS 73 AO 89 – O LIVRO DE LEVÍTICO

TEMA CENTRAL: A respeito do santuário. Os conselhos de Deus sobre o santuário e sua relação com o homem; e o santuário em relação a Jeová. O santuário, a congregação, assembleia ou Sã, etc. mencionada, praticamente em cada Salmo. O livro conclui com uma bênção e um amém duplo.

Estes Salmos tratam do santuário em relação ao homem e em relação ao Senhor conforme o esquema abaixo.

O SANTUÁRIO EM RELAÇÃO AO HOMEM – SALMOS 73-83

Salmo 73. O resultado de se ficar fora do santuário. Ocupação do coração com os outros, e a consequente distração.

Salmo 74. O inimigo no santuário.

Salmo 75. A unção de Deus no santuário.

Salmo 76. Destruição dos inimigos do santuário.

Salmos 77-78. O resultado de se ficar fora do santuário. Ocupação do coração consigo mesmo e a consequente miséria. Salmo 78 introduz (masquil ou instrução) em

relação aos Salmos 73 e 77 mostrando como o Senhor esqueceu Siló (v 60), e não escolheu José (v 67), mas escolheu a Sião (vv 68,69) e a Davi (vv 70-72).

Salmo 79. O inimigo no santuário.

Salmos 80-82. Deus no santuário.

Salmo 83. Destruição dos inimigos do santuário.

O SANTUÁRIO EM RELAÇÃO AO SENHOR – SALMOS 84-89

Salmos 84-85. Bênçãos aos que se aproximam do santuário.

Salmo 86. Oração diante de Deus (no santuário). A humilhação do Messias como o segredo e fonte de toda bênção.

Salmo 87. As bênçãos dos que habitam em Sião.

Salmo 88. Oração diante de Deus. Instruções (masquil ou instrução) à humilhação do Messias, como segredo e fonte de toda bênção.

Salmo 89. As bênçãos de quem “conhece os vivas de júbilo” (v 15). Deus na assembléia dos santos (v 7). Instruções, do serviço divino no santuário e concernentes a todo o livro.

SALMOS 90 AO 106 – LIVRO DE NÚMEROS

TEMA CENTRAL: Sobre Israel e as nações da terra. Os conselhos de Deus a respeito da terra mostrando que não há esperança nem descanso para a terra à parte de Jeová.

As figuras e símiles são deste mundo como um deserto (veja as referências a montanhas, montes, inundações, pastos, árvores, pestes, etc.).

Começa com a oração de Moisés (o homem do deserto), Sl 90 e encerra com um ensaio da rebelião de Israel no deserto (Sl 106).

Observe “o novo cântico” para “toda a terra” no Sl 96.11 em que o tema é apresentado numa só frase com um acróstico da palavra “Jeová”: “Alegrem-se os céus, e a terra exulte” (veja nota no Sl 96.11). O livro conclui com uma bênção. Amém e aleluia.

Estes Salmos tratam a respeito de Israel e seu relacionamento com as demais nações.

INTRODUÇÃO À ESTRUTURA DO QUARTO LIVRO

Números é o nome dado pelos homens ao quarto livro do Pentateuco devido ao levantamento do número dos filhos de Israel nos capítulos 1-3 e 26 de Números.

O nome deriva do latim *Numeri* tradução da Septuaginta (*Arithmoi*). No cânon hebraico é também chamado de *Bamidbar* que procede de “No Deserto”.

O título cobre todos os eventos do livro. Números, portanto, é o livro “do deserto” e fala de todos os tipos do deserto, ou tipos de nossa peregrinação.

No “Número” dos salmos temos fatos semelhantes. E estes se abrem com o Salmo 90: “a oração de Moisés” – o homem do deserto. Seus ensinamentos, como os demais livros são dispensacionais, tendo a terra como pensamento central.

O propósito de Deus é celebrado em relação a terra, e as nações do mundo, da ruína à glória, conforme vimos nos três livros anteriores em relação ao homem, a Israel e ao santuário.

O pecado entrou no mundo e arruinou não apenas o homem, mas também a terra. “Maldita a terra por tua causa”.

O pecado fez do paraíso um deserto, e a morte encheu a terra de tristeza e lamentos. Não existe esperança para a terra, para as nações, e para toda a criação fora do Senhor.

O primeiro e o segundo salmos (90 e 91) tratam disto e têm a nota chave e é o epítome de todo o livro. São personagens deste mundo desértico, quando montanhas, dilúvios, campos, pestes, árvores, etc. que o leitor pode observar se atentar no livro.

Consiste, como no livro III de dezessete salmos todos anônimos (inda que nem todos sem títulos), exceção feita aos salmos 90 (e 91) escritos por Moisés e os 101 e 103 escritos por Davi.

SALMOS 90 E 91

Dos títulos divinos neste livro Jeová (Senhor) aparece 126 vezes e Elohim 31. Os salmos 90 e 91 são, evidentemente um só, divididos em duas partes, escritos por Moisés logo no início dos 38 anos de castigo no deserto, que é o tema deste quarto livro. (Se o Salmo 91 também é de Moisés, então toda escritura citada na tentação do deserto por nosso Senhor – até mesmo as citadas pelo diabo – saíram dos escritos de Moisés).

Quando Deus decretou que todos os homens que saíram com mais de vinte anos do Egito morreriam no deserto – e eram 603.550 homens de guerra – Moisés fez os cálculos, pois é sobre isto que tratam os vv 9 e 10.

Se um homem tinha vinte anos, apto para a guerra morreria aos 60 anos.

Se tivesse 30, morreria aos 70. Se tivesse 40 morreria aos 80. A média de idade seria 30 anos, justifica o v 10.

O Salmo 91, por outro lado, mostra o que acontece quando vivemos na “sombra do Onipotente”. É um conforto para a “igreja do deserto” durante aqueles quarenta anos. Quantos foram eliminados no deserto pelo terror noturno, pela flecha que voa de dia, pestilência durante a noite nem a praga ao meio-dia.

Salmos 91-94. Anelo pelo descanso da terra. Nenhuma esperança há até que o “ímpio cesse de perturbar a terra”.

Salmo 91. Num mundo que perece, só existe descanso no Senhor. No recôndito do Altíssimo é o único lugar seguro.

Salmo 92. Oração pelo “descanso” por vir (Hb 4.9). Quando todos os iníquos forem exterminados (vv 7-9) e os justos florescerem (v 12) no Senhor, sua “rocha” e “defesa” (v 15).

Salmo 93. Descanso, somente no Senhor. Seu trono, quando for estabelecido será lugar de segurança.

Salmo 94. Oração ao Senhor, pelo descanso “o juiz de toda terra” que eliminará todos os iníquos (vv 4,16,23), e dará descanso aos justos (vv 13-15) no Senhor, sua “rocha” e “defesa” (v 22).

95 A 100 - O DESCANSO DA TERRA É ANTECIPADO

Salmos 95-100. Note o versículo central do saltério (96.11) e a razão (96.13).

Salmo 95. Adoração, pelo descanso antecipado. Seu “povo” e “rebanho” (v 7), “entrarão em sua presença com ações de graça” (v 2). A razão: “O Senhor é grande” (v 3).

Salmo 96. Chamamento ao “novo cântico”. “Pois ele vem (para julgar).

Salmo 97. O novo cântico. “Deus reina”.

Salmo 98. Chamamento ao “novo cântico”, pois ele vem para julgar a terra.

Salmo 99. O novo cântico (O Senhor reina).

Salmo 100. Adoração, tendo em vista o descanso antecipado. Seu “povo”, e “ovelhas” (v 3). “(entram em sua presença com cânticos)”. Razão: “O Senhor é bom” (v 5).

101 AO 105 - CELEBRANDO O DESCANSO DA TERRA

Salmos 101-105. O trono do Senhor no céu e seu reino sobre todos (103.19).

Salmo 101. O reino vindouro. Seus princípios. “Misericórdia e juízo” (v 1). O ímpio é destruído (vv 5,8).

Salmo 102. O rei sendo humilhado, vindo em glória como eterno criador (vv 12, 24-27). “Eles perecerão” (v 26).

Salmo 103. O reino vindouro. Suas misericórdias e juízos (vv 4,6,17,19).

Salmo 104. O rei vindo em glória como Criador eterno (v 31). “Eles perecerão” (vv 27-29).

Salmo 105. O reino vindouro. Firmado na aliança (vv 8-12; 42-45). Trono de “misericórdia e juízo” (vv 5-7).

Salmo 106. Epílogo. O descanso. Perdido. Valorizado.

SALMOS 107 AO 150 – LIVRO DE DEUTERONÔMIO

Tema central: Sobre Deus e sua palavra. Os conselhos de Deus sobre sua palavra, mostrando que todas as bênçãos para o HOMEM (Livro I), todas as bênçãos para Israel (Livro II);

todas as bênçãos para a terra e para as nações (livro IV) estão atreladas àqueles que vivem nas palavras de Deus (Dt 8.3).

A desobediência à palavra de Deus foi a fonte das tribulações humanas, a dispersão de Israel, a ruína do santuário e a miséria da terra. As bênçãos virão da Palavra escrita no coração (cf. Jr 31.33,34; Hb 8.10-12; 10.16,17).

O Salmo 119 está neste livro. A Palavra Viva (Jo 1.1) começou seu ministério citando Dt 6.13,16; 8.3; 10.20 em Mt 4.4,7,10. O livro começa com o Salmo 107 e no v 20 lemos: *“Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou”*.

E conclui com cinco Salmos (um para cada um dos cinco livros), cada Salmo começando e terminando com *“aleluia”*.

O QUINTO LIVRO OU LIVRO DE DEUTERONÔMIO

SALMOS 107 A 150

Salmos 107 a 150 – A respeito de Deus e sua palavra. *“Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou, e os livrou do que lhes era mortal”* (Sl 107.20).

Salmo 107. Sendo libertos pela palavra curadora.

Salmos 108-110. A verdadeira humildade de Davi, libertação e exaltação (108.6).

Salmos 111-113. Louvor. Três salmos de aleluia. Nos dois primeiros o aleluia está no início, no terceiro, no início e fim com aleluia. (O salmo 111 louva o Senhor por suas obras, o 112 por seus caminhos, e o 113 pelo que ele é).

Salmos 114-115. Libertação do Egito e dos ídolos egípcios.

Salmos 116-118. Louvor. Três salmos. Os primeiros dois terminando com aleluia, e o terceiro começando e terminando com *“ações de graças”*.

Salmo 119. Vivificados e sustentados pela palavra revelada.

Salmos 120-134. Libertação das mãos de Senaqueribe, tipo da futura libertação de Israel. São quinze salmos arranjados em cinco tríades. (Tenho uma tradução a parte que está sendo terminada dos salmos dos degraus).

Salmos 135-136. Louvor. Dois salmos interligados por uma só estrutura.

Salmo 137. Libertação dos cativos. Os cativos de Senaqueribe.

Salmo 138. Louvor.

Salmo 139. Libertação de um coração maligno (compare 36.26; Jr 31.33).

Salmos 140-144. Oração e louvor.

Salmo 145. O verdadeiro Davi dirigindo os louvores de seu povo (144.9).

Salmos 146-150. Louvor. Cinco salmos de aleluia, cada um deles começando e terminando com aleluia.

O Salmo 119 merece ser estudado separadamente, porque nele se encontram muitas riquezas, além de que suas divisões levam o aluno a perambular por uma variedade de temas bíblicos.

Tendo como base essa divisão dos cinco livros dos Salmos feita pelos rabinos e as subdivisões apresentadas no apêndice da *Companion Bible* o estudante criativo poderá desenvolver conhecimento e sabedoria sobre os tipos aqui apresentados.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ As letras hebraicas e gregas possuem sentido numérico. Os hebreus não tinham números como o latim, a raiz do português e das demais línguas latinas. Os hebreus usavam as letras como números quando destes precisassem utilizar. C76
- 2) ☐ Na Bíblia o número *UM* trata de unidade e começo. C76
- 3) ☐ O número *TRÊS* fala também de testemunho abundante. C77
- 4) ☐ O número *OITO* fala de ressurreição e de regeneração, de um novo começo. C80
- 5) ☐ Todas as bênçãos estão ligadas à obediência. A obediência é a “árvore da vida” do ser humano. C91
- 6) ☐ A desobediência à palavra de Deus foi a fonte das tribulações humanas, a dispersão de Israel, a ruína do santuário e a miséria da terra. C102

Anotações:

Lição IV

Figuras de Linguagem

FIGURAS DE LINGUAGEM

É importante observar que é absolutamente necessário conhecer as figuras de linguagem para a interpretação de textos. A palavra de Deus é feita de palavras que o Espírito Santo ensina (1 Co 2.13; 1 Ts 2.13; 2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21, etc.).

Uma figura de linguagem indica a forma como a palavra é usada, pelo fato de que palavra ou palavras são usadas fora de seu sentido normal, de lugar, maneira, com o propósito de chamar a atenção ao que está sendo dito.

Trata-se de uma forma legítima de sair da regra normal da linguagem, para enfatizar o que se quer dizer. E nessas figuras de linguagem percebemos a marca do Espírito Santo para expressar suas próprias palavras.

Esta forma peculiar ou diferente pode não ser verdadeira, ou verdadeira, ao sentido *literal* das palavras; no entanto, é fiel ao seu sentido *real* e verdadeiro da “verdade”.

Figuras são usadas para dar ênfases, e, portanto, não devem ser ignoradas. O desconhecimento das figuras de linguagem tem levado a erros grosseiros, porque se dá sentido literal ao que é figurativo, ou dando-se sentido figurativo ao que é literal.

Os gregos e romanos tinham centenas dessas figuras que podem ser divididas em três classes: Figuras que envolvem (1) *omissão*; (2) *adição*; ou (3) *alteração ou mudança de uma palavra, palavras ou do sentido delas*.

Em Gn 3.14-15 temos o mais antigo exemplo. Ao interpretar essas figuras literalmente como “ventre”, “pó”, “calcanhar”, “cabeça” perdemos a riqueza e as verdades misteriosas ali implícitas e intensificadas. É a *verdade* que é literal, enquanto as *palavras* empregadas são figurativas.

Colocamos aqui uma lista delas, fornecendo uma ou mais referências bíblicas como exemplo.

As palavras, a seguir, estão em ordem alfabética para que a pesquisa seja feita de maneira mais fácil e rápida.

Acismo. Recusa fingida (Mt 15.22-26). Porque é uma recusa apenas aparente.

Acróstico (Sl 119). São letras que se repetem no começo das palavras ou cláusulas.

Ampliativo (Gn 2.23; 1 Sm 30.5). A retenção de um antigo nome, depois que a razão daquele nome ser usado haver passado. Uma cópia. Termo jurídico.

Anábase. Aumento gradual (Sl 18.37-38). Um aumento da ênfase ou do senso em sucessivas sentenças.

Anacenose. Apóstrofe direta aos ouvintes, pedindo-lhes a opinião (1 Co 4.21). Um apelo aos outros que têm interesses comuns.

Anacoluto (Gn 35.3; Mc 11.32). Figura em que, na mesma frase, uma expressão não se liga a outra pelas regras da sintaxe, ou em que há solução de continuidade; anacolúti: quebra-se a sequência dos pensamentos.

Anadiplose (Gn 1.1-2; Sl 121.1-2). Figura que consiste em repetir no começo de um verso ou frase a última palavra da frase ou verso anterior.

Anamnese (Rm 9.3). Figura pela qual o orador simula lembrar-se, na ocasião, de coisas que iria esquecendo, para assim chamar a atenção sobre elas.

Anáfora (Dt 28.3-6). Repetição de uma ou mais palavras no começo de dois ou mais versos, orações subordinadas ou sucessivas, para efeitos retóricos ou poéticos.

Anástrofe (At 7.48). Inversão da ordem normal dos termos sinteticamente relacionados, como: Baliza natural, ao norte, avulta o das águas gigante caudaloso.

Anese (2 Rs 5.1). Adição à uma sentença concluída que diminui o efeito do que foi dito.

Anteisagoge (Mt 21.23-25). Resposta à uma pergunta fazendo-se uma nova pergunta.

Afirmção (Fp 1.18). Enfatizando palavras para afirmar o que ninguém argumentou, ou arguiu.

Alegoria. Comparação continuada por representação (metáfora) (Gn 49.9; Gl 4.22,24) e implicação (hypocatastasis) (Mt 7.3-5). Figura de retórica, constante de várias metáforas consecutivas, exprimindo por alusão ideia diferente da que se enuncia.

Anfibologia ou sentido duplo (Ez 12.13). Palavra ou frase susceptível a duas interpretações, ambas verdadeiras.

Anadiplose. Figura que consiste em repetir no começo de um verso ou frase a última palavra da frase ou verso anterior (Gn 1.1,2; Sl 121.1-2). A(s) palavra(s) que conclui uma frase é repetida no começo da outra.

Antropopatia (Gn 1.2; 8.21; Sl 74.11; Jr 2.13; Os 11.10). Atribuir a Deus sentimentos humanos ou a outros seres ou coisas da natureza.

Anti-categoria (Ez 18.25). Retrucar as insinuações ou acusações feitas contra nós. Acusação feita em resposta a outra.

Antimeria (palavra latina) que significa uma troca de partes da fala.

- 1) Do verbo. O verbo é usado em vez de outra parte da fala (Gn 32.24; Lc 7.21)
- 2) Do advérbio. O advérbio é usado em vez de alguma outra parte da fala (Gn 30.33; Lc 10.29)
- 3) Do adjetivo. O adjetivo é usado em vez de outra parte da fala (Gn 1.9; Hb 6.17)
- 4) Do substantivo. É usado em vez de alguma parte da fala (Gn 23.6; Tg 1.25)

Antimetábole (Gn 4.4,5; Is 5.20). Palavra repetida na ordem inversa, com o objetivo de fazê-las se opor.

Antimetátese ou diálogo (1 Co 7.16). A transferência de pessoas que falam. Dirige-se ao leitor como se este estivesse presente.

Antífrase ou permutação (Gn 3.22). Emprego de uma frase ou locução em sentido oposto ao usual, geralmente por ironia ou propósito supersticioso. Diferentemente do sentido original.

Antiptose. (Mudança de caso). Figura que consiste no emprego de um caso por outro (Ex 19.6 cf. 1 Pe 2.9). Um caso colocado para outro caso em que o substantivo é usado como adjetivo.

Antístrofe. Repetição de um grupo de palavras em ordem inversa à enunciação anterior (Mt 15.26-27). Tomando as palavras de uma pessoa contra ela mesma.

Antítese ou contraste. Figura pela qual se opõem numa mesma frase duas palavras, expressões, pensamentos, inteiramente contrários (Pv 15.17).

Antonomásia. Figura que consiste em substituir o nome próprio por um nome comum ou por uma expressão que o dê a entender e vice-versa (Gn 31.21).

Aférese. Supressão de uma letra ou sílaba no princípio do vocábulo; ablação (Jr 22.24).

Apodioxe. Rejeição de um argumento por absurdo, sem descer à discussão (Mt 16.23).

Apófase. Refutação feita pelo autor ou pelo orador do que ele próprio afirmara antes (Fm 19). O escritor acrescenta uma insinuação negativa.

Aporia. Dúvida ou hesitação, que o orador tem ou finge ter sobre o que há de dizer (Lc 16.3).

Aposiopese. Reticência, interrupção intencional da frase, ficando a oração gramatical incompleta. Silêncio repentino. Pode ser associado a:

- 1) Alguma grande promessa (Ex 32.32).
- 2) Ira e ameaças (Gn 3.22).
- 3) Pesar e lamento, queixa. (Gn 25.22; Sl 6.3).
- 4) Inquirir, indagar e desaprovar (Jo 6.62).

Apóstrofe. Interrupção que o orador ou o escritor faz, para se dirigir a seres reais ou fictícios. Interpelação direta e imprevista que pode ser de:

- 1) Deus (Ne 6.9).
- 2) Homem (2 Sm 1.24-25).
- 3) Animais (Jl 2.22).
- 4) Seres inanimados (Jr 47.6).

Associação. Inclusão (At 17.27). Quando o pregador se compara àqueles a quem se dirige, ou a quem se refere.

Asterismo. Indicações (Sl 133.1). Uso de alguma palavra que confere atenção especial a um ponto ou argumento.

Asindetom (Mc 7.21-23; Lc 14.13). Omite-se a conjunção normal para que o ponto a ser enfatizado possa ser visto rapidamente e se termina com um clímax enfático. (Cf. polisindentom e Lc 14.21).

Batologia. Repetição enfadonha e desnecessária dos mesmos pensamentos pelas mesmas palavras. 2 Superfluidade de palavras (1 Rs 18.26). Jamais usada pelo Espírito Santo: Sempre pelo homem.

Benedictio ou bênção (Gn 1.22,28; Mt 5.3-11). Sentimento de ser abençoado.

Braquiologia. Redução de uma frase aos elementos essenciais; concisão de expressão condensada. Na realidade uma forma de elipse (Gn 25.32).

Candura (Eleutheria) (Lc 13.32). A pessoa sem intenção de ofender, fala com liberdade e ousadia.

Catábase. Período de declínio ou retrocesso. Melodia descendente, na música grega antiga. Usada para enfatizar humilhação, tristeza, etc. Antôn: anábase.

Catacrese. Figura de sintaxe que consiste em aumentar a extensão da palavra, empregando-a no sentido analógico e não no sentido próprio.

- 1) De duas palavras quando os sentidos são remotamente semelhantes (Lv 26.30).
- 2) Duas palavras cujos sentidos são diferentes (Ex 5.21).
- 3) De uma palavra em que o grego recebe seu sentido real por permutação de outra linguagem (Gn 1.5; Mt 8.6).

Cataploce ou exclamação repentina (Ez 16.23). Nome dado a um parêntesis quando toma a forma de uma repentina exclamação.

Cleuasmos. Palavra grega para sarcástico (Sl 2.4).

Cronografia. Medição do tempo por métodos gráficos, de intervalos de tempo (como, por exemplo, no estudo de um movimento rápido e complexo (Jo 10.22). O ensinamento de algo importante mencionando-se o tempo.

Clímax (2 Pe 1.5-7). Anadiplose repetida em sentenças sucessivas (Veja anadiplose).

Coenotes. É um composto de anáfora e epístrofe que consiste na repetição de frases, não apenas de palavras (Sl 118.8-9).

Correspondência. Termo usado na repetição de um assunto ou assuntos, que reaparece em várias ordens, determinando, assim a “estrutura” de uma porção do texto sacro. Pode ser encontrado nas seguintes formas:

- 1) *Alternada*. Em que o sujeito do membro alternativo corresponde com cada um, seja por similaridade ou por contraste.
 - a) *Estendida*. Quando existem duas séries, mas cada uma delas com vários membros (Sl 72.2-17; Sl 132).
 - b) *Repetida*. Quando existem mais de duas séries de matérias, cada uma delas com dois membros (Sl 26. Sl 145) ou que consiste de mais de dois membros cada (Sl 24).
- 2) *Introvertida*. Quando a primeira matéria de uma série corresponde com a última matéria da segunda (Gn 43.3-5; Lv 14.51-52).
- 3) *Complexa ou combinada*. Quando tanto na alternância quando na introversão se combinam de várias maneiras (Ex 20.8-11; Sl 105).

Ciclóide. Repetição em círculo (Sl 80.3,7.19). A repetição da mesma frase em intervalos regulares.

Deprecação (Ex 32.32). Sentimento. Rogativa. Súplica.

Dialogismo ou diálogo (Is 63.1-6). Quando uma ou mais pessoas estão falando, e não apenas uma.

Diasirmo (Mt 26.50). Espécie de hipérbole, com que se encarece exageradamente uma coisa comum, baixa ou ridícula; ironia.

Dupla correção (1 Co 11.22). Correção que ordena o que ouve e o que fala.

Enigma (Gn 49.10; Jz 14.14). Uma verdade dita numa linguagem obscura.

Etiologia ou causa (Rm 1.16), no sentido de dar uma razão pelo que foi dito ou feito.

Expansão (Gr Diexodo). (Jd 12,13). Uma descrição extensa dos fatos.

Exclamação (Ecfonese) (Rm 7.24). Explosão de palavras saídas da emoção.

Elipse ou omissão. Quando se deixa um vazio de maneira proposital numa frase omitindo-se alguma palavra ou várias palavras.

I. *Elipse absoluta*, em que a palavra omitida ou palavras são supridas na natureza da matéria

1) Substantivos e pronomes (Gn 14.19,20; Sl 21.12).

2) Verbos e participios (Gn 26.7; Sl 4.2).

3) Certas palavras conectadas na mesma passagem (Gn 25.32; Mt 25.9). Chamada de **Braquiologia**.

4) Uma cláusula completa numa passagem (Gn 30.27; 1 Tm 1.3,4).

II. *Elipse relativa*

- 1) Em que a palavra omitida é suprida a partir de um cognato no contexto (Sl 76.11).
- 2) Em que a palavra omitida é suprida de uma palavra semelhante ou contrária (Gn 33.10; Sl 7.11).
- 3) Em que a palavra omitida é suprida de uma análoga ou semelhante (Gn 50.23; Is 38.12).
- 4) Quando a palavra omitida está contida noutra palavra e uma única palavra comprime o sentido das duas (Gn 43.33).

III. *Elipse de repetição*

- 1) *Simples*. Em que a elipse é suprida de uma palavra precedente ou cláusula posterior (Gn 1.30; 2 Co 6.16).
- 2) *Complexa*, quando duas cláusulas estão mutuamente envolvidas, e o elipse na cláusula anterior é suprido pela última; e, ao mesmo tempo uma elipse na última cláusula é suprida pela cláusula anterior (Hb 12.20).

Enantiose ou contrárias (Lc 7.44-46). Afirmativas ou negativas ao contrário.

Entimena. (Omissão de uma premissa). (Mt 27.19). Silogismo com uma só premissa, dando-se por subentendida a segunda.

Epídiptose ou círculo duplo (Gn 9.3; Sl 27.14). A repetição da mesma palavra ou palavras no começo e no fim das frases.

Epanalepse. **Reassumir**. Repetição de uma palavra no meio de duas ou mais frases seguidas (1 Co 10.29; Fp 1.24). Repete-se a mesma palavra depois de uma pausa ou parêntesis.

Epânodo ou inversão (Gn 10.1-31; Is 6.10). Figura pela qual se repetem, separadamente, palavras que primeiramente se disseram juntas.

Epanortose ou correção (Jo 16.32). Correção que o orador finge dar à frase já proferida, para substituir uma palavra ou a oração inteira por outra mais enfática.

Epíbole ou repetição (Sl 29.3,4,5,7,8,9). A repetição da mesma frase em intervalos regulares.

Epícrise ou julgamento (Jo 12.33). Frase curta dita no final como uma conclusão.

Epímone (Jo 21.15-17). Figura de linguagem, consiste na repetição de uma palavra, com pequenas diferenças morfológicas.

Epifonema ou exclamação (Sl 135.21). Exclamação sentenciosa com que se termina uma narrativa interessante ou um discurso.

Epiphosa o mesmo que epístrofe na argumentação (2 Co 11.22). A repetição da palavra ou palavras no fim de sentenças sucessivas usadas na argumentação.

Epístrofe (Gn 13.6; Sl 24.10). Repetição de uma palavra ou expressão no fim de frases ou sentenças seguidas.

Epítase ou amplificação (Ex 3.19). Em que uma sentença concluída é acrescentada para se aumentar a ênfase.

Epiterapéia ou qualificação (Fp 4.10). Uma frase acrescentada no final para curar, amaciar, mitigar ou modificar o que foi anteriormente falado.

Epíteto (Gn 21.16; Lc 22.41). Quando se descreve uma coisa no sentido de realçar seu sentido. Alcinha.

Epitimesis ou reprimenda (Lc 24.25). Expressão de censura ou reprovação.

Epitrecom ou fluindo juntamente (Gn 15.13; Jo 2.9). Uma frase incompleta em si mesma, lançada como observação explicativa. (veja abaixo).

Epitrocasmos, palavra grega para sumário (Hb 11.32).

Epítrope ou admitir (Ec 11.9). Admitir-se o que está errado para se conseguir o que é certo.

Epizeuxe ou duplicação (Gn 22.11; Sl 77.16). Repetição da mesma palavra seguidamente, quer para amplificar, quer para exprimir compaixão, quer para exortar. Repetição da mesma palavra com o mesmo sentido.

Erótese ou interrogativa (Gn 13.9; Sl 35.10). Figura de linguagem em que uma afirmativa forte do contrário está implícita sob uma interrogação. Uma pergunta, não para se obter resposta ou informações. Essas perguntas devem ser formuladas quando em:

- 1) Afirmações positivas
- 2) Afirmativas negativas
- 3) Afirmação de uma negação
- 4) Demonstração
- 5) Em admiração e perplexidade
- 6) Em arrebatamento
- 7) Em desejos
- 8) Em recusas e negativas
- 9) Em dúvidas

Etopopéia ou formas descritivas (Is 3.16). A descrição das peculiaridades de uma pessoa, seu jeito, seus caprichos, hábitos etc.

Euche ou oração (Is 64.1-2). Sentimentos expressos pela oração, maldições ou imprecções.

Eufemismo (Gn 15.15). Quando uma expressão agradável é usada para alguém desagradável.

Exemplo (Lc 17.32). Concluindo-se uma frase, dando-se exemplos.

Exergásia (Zc 6.12,13). Uma repetição com o objetivo de ilustrar o que foi dito. Aclaração de uma ideia por meio de outras equivalentes.

Exoutenismos ou desprezo (2 Sm 6.20). Mostrando descontentamento, desprezo.

Gnome ou citação. Citação de um adágio ou provérbio sem mencionar o nome do autor.

1) Quando o sentido original da intenção é preservado, inda que as palavras variem (Mt 26.31)

2) Quando o sentido original é modificado na frase ou na referência (Mt 12.40)

3) Quando o sentido é bem diferente da intenção original (Mt 2.15)

4) Em que as palavras procedem do hebreu ou da septuaginta (Lc 4.18)

5) Em que as palavras são variadas por omissão, adição ou transposição (1 Co 2.9)

6) Quando as palavras são mudadas pela leitura ou por uma inferência, em número, pessoa, modo ou tempo (Mt 4.7)

7) Quando duas ou mais citações estão amalgamadas (Mt 21.13).

8) Quando citações são de livros e não da Bíblia (At 17.28).

Hendíadis ou dois a dois (Gn 2.9; Ef 6.18). Usam-se duas palavras, mas com um só sentido. Ex. pela poeira e pela estrada, ao invés de pela estrada poeirenta, ou pela poeira da estrada (Michaelis).

Hendiatis ou três em um (Dn 3.7). Três palavras são usadas, mas com um só sentido.

Hermenêutica ou interpretação (Jo 7.39). Uma explicação imediata a uma declaração para torná-la mais clara.

Heterose ou mudança de acidente. Mudança da voz, modo, tempo, pessoa, número, grau ou gênero para outra.

1) Das formas de vozes (1 Pe 2.6).

2) De modo (Gn 20.7; Ex 20.8).

3) Tempo (Gn 23.11; Mt 3.10).

4) De pessoa (Gn 20.27; Dn 2.36).

5) De adjetivo ou grau e advérbios (2 Tm 1.18).

6) De substantivos (número), adjetivos e pronomes (Gn 3.8; Hb 10.28)

7) De gênero (Gn 2.18; Hb 7.7)

Homoptoto ou inflexão (2 Tm 3.2-3). Frases que terminam de maneira similar com inflexão de verbos, substantivos etc. Esta figura pertence às línguas originais. Emprego seguido de substantivos no mesmo caso ou de verbos no mesmo tempo, modo ou pessoa.

Homeopróforo ou aliteração (Jz 5). Repetição da mesma letra ou sílaba no começo de sucessivas palavras. Cacofonia que resulta de começarem pela mesma letra todas ou muitas palavras de uma frase.

Homotelêuto ou finais iguais (Mc 12.30). Repetição das mesmas palavras ou letras no final de palavras sucessivas. Usada também como omissão no fim do texto por desinência semelhante em palavras empregadas sucessivamente. Veja Js 2.1

Hipálage, palavra grega para inter-mudança (Gn 10.9; 1 Rs 17.14). Palavra que logicamente pertence a uma conexão e é gramaticamente unida a outra.

Hipérbato ou transposição (Rm 5.8). Colocação de uma palavra fora de ordem normal da frase. Figura de sintaxe que consiste na intercalação entre dois termos, que entre

si se relacionam, de um terceiro: O das águas gigante caudaloso, ao invés de: O gigante caudaloso das águas (Michaelis).

Hipérbole ou exagero (Gn 41.47; Dt 1.28). Quando se diz mais do que literalmente se pensa.

Hipocatástase (Gr Hypocatastasis) implicação (Mt 15.13; 16.6). Semelhante implícita ou representação.

Hipotimése (Gr hypotimesis) subestimado (Rm 3.5). Adição parentética usando-se de apologia ou escusa.

Hipotipose ou palavra ilustrada (Is 5.26-30). Representação de objetos ou ações por palavras.

Histerese ou narração subsequente (Gn 31.7,8; Sl 105.18). Quando o último registro fornece suplementos que não estão inseridas no registro.

Histerologia ou a primeira última (Gn 10 e 11; 2 Sm 24). A menção prior a evento subsequente. Inversão da ordem natural das partes da oração.

Idioma. O uso peculiar de palavras ou frases, de qualquer nação ou tribo, em contraste com outros idiomas e dialetos.

- 1) Uso idiomático de verbos (Gn 42.38; 1 Jo 1.10).
- 2) Uso especial de substantivos e de verbos idiomáticos (Gn 33.11; Jr 15.16).
- 3) Graus e comparações idiomáticas (Lc 22.15).
- 4) Uso idiomático de preposições (Lc 22.49).
- 5) Uso idiomático de numerais (Sl 103.2).
- 6) Formas idiomáticas de citações (Sl 109.5).
- 7) Formas de questões idiomáticas (Lc 22.49).
- 8) Frases idiomáticas (Gn 6.2,4).

9) Idiomas que surgem de outras figuras de linguagem.

10) Mudança no uso de palavras no idioma grego (Gn 43.18; Mt 5.25).

11) Mudanças no uso de palavras no inglês (Gn 24.21; 2 Rs 3.9).

Indignação (Gn 3.13; At 13.10). Expressão que mostra indignação.

Interjeição (Sl 42.2). Adição parentética de sentimentos.

Ironia (Gr. *eroneia*). Expressão de pensamentos que querem dizer o oposto.

1) Ironia divina, em que o que fala é Divino (Gn 3.22; Jz 10.14).

2) Ironia humana, em que o homem é quem fala (Jó 12.2).

3) Testando a pessoa (Gn 22.2).

4) Ironia simulada, em que as palavras são usadas como dissimulação (Gn 37.19; Mt 27.40).

5) Ironia enganosa, em que as palavras são claramente falsas bem como hipócritas (Gn 3.4,5; Mt 2.8).

Meiose ou miose ou depreciação (Gn 18.27; Nm 13.33). Depreciando uma coisa para exaltar outra.

Merisma ou distribuição (Rm 2.6-8). Divisão de um assunto em partes distintas.

Mesarquia ou repetições no começo e no meio (Ec 1.2). Consiste da repetição de uma mesma palavra no começo e no meio de sentenças contínuas.

Mesodiplose ou repetição no meio (2 Co 4.8,9). Repetição de uma mesma palavra no meio de sentenças contínuas.

Mesotelêutom ou Repetição no meio e fim (2 Rs 19.7). Repetição da mesma palavra (s) no meio e no fim de sucessivas sentenças.

Metabase ou transição (1 Co 12.31). Passagem de um tema ao outro.

Metalepse ou metonímia dupla (Gn 19.8; Ec 12.6; Os 14.2). Variedade de metonímia pela qual os antecedentes dão a conhecer os consequentes e vice-versa ou, pelo sinal, a coisa significada.

Metalage ou mudança (Os 4.18). Um tema diferente é substituído pelo original.

Metáfora ou representação (Mt 26.26). Declaração do sentido de um ato, enquanto uma *símile representa* e uma *hipocatástase sugere*.

Metástase ou culpa (1 Rs 18.17,18). Figura em que um orador lança à conta de outrem as coisas a que ele se refere.

Metonímia ou mudança de substantivo, quando um nome ou substantivo é usado em vez de outro, mas com a mesma relação.

- 1) *Da causa*. Quando a causa é colocada como efeito (Gn 23.8; Lc 16.29).
- 2) *Do efeito*. Quando o efeito é colocado como causa (Gn 25.23; At 1.18).
- 3) *Do sujeito*. Quando o sujeito é colocado como pertinente a ele (Gn 41.13; Dt 28.5).
- 4) *Do adjunto*. Quando algo pertinente ao sujeito é colocado como sujeito (Gn 28.22; Jó 32.7).

Mimese ou descrição de expressões (Ex 15.9). Figura em que o orador imita a voz ou o gesto de outrem.

Negação (Gl 2.5). A negação de algo que não foi afirmado.

Oximoro (1 Tm 5.6). Engenhosa aliança de palavras ou frases contraditórias ou incongruentes. Como se fosse bobagem.

Palinódia ou retratação (Ap 2.6). Retratação do que se disse ou fez. Aprovação de uma coisa depois de se retratar de outra.

Parábola ou símile contínua (Lc 14.16-24). Comparação por semelhanças contínuas.

Paradiástole ou nada ou “nãos” (Ex 20.10; Rm 8.35,38,39). A repetição de disjuntivos, nada, não, etc. Distinção estabelecida entre duas ideias que apresentam grande analogia.

Parenético ou exortação (1 Tm 2). Expressão de sentimento através de exortação.

Paralépse ou passagem (Hb 11.32). Quando se expressa um desejo através de um sujeito.

Paralelismo ou linhas paralelas. A repetição similar de sinônimos ou pensamentos opostos ou palavras em linhas sucessivas e paralelas. (Cf. Correspondência).

1) *Simples*. Sinônimos ou graduais. Quando as linhas são paralelas no pensamento e no uso de palavras sinônimas (Gn 4.23,24; Sl 1.1).

2) *Simples antitética ou oposta*. Quando as palavras são contrastadas em duas ou mais linhas, opostas no sentido a outra (Pv 10.1).

3) *Simples, sintética ou construtiva*, quando o paralelismo consiste somente de forma similar de construção (Sl 19.7-9).

4) *Complexa alternada*. Quando as linhas são colocadas alternadamente (Gn 19.25; Pv 24. 19,20).

- 5) *Complexa repetida alternada*. A repetição de dois temas paralelos em várias linhas (Is 65.21,22).
- 6) *Complexa alternação estendida*. Consiste de três ou mais linhas (Jz 10.17).
- 7) *Complexa introversão*. Quando as linhas paralelas são colocadas de tal maneira que a primeira corresponde com a última; a segunda com a última, menos uma etc. (Gn 3.19; 2 Cr 32.7,8).

Parécbase ou digressão (Gn 2.8-15). O tema é temporariamente deixado de lado para se tratar de outro.

Parechesis (sem correspondente em português). Paronomásia estrangeira (Rm 15.4). Repetição de palavras similares em som, mas diferentes em linguagem: Escrita e fonética iguais, mas com sentidos diferentes.

Paregmenon ou derivação (Mt 16.18). A repetição de palavras que se derivam de uma mesma raiz.

Parêmbale ou inserção (Fp 3.18,19). Inserção de uma frase entre outras, mas que é independente e completa por si mesma.

Parêntesis ou parêntese (2 Pe 1.19). Inserção de uma palavra ou frase parentética necessária para esclarecer o contexto.

Provérbio (Gn 10.9; 1 Sm 10.12). Ditos populares e comuns.

Paramologia ou inflexão sonora parecida (Mt 11.17). A repetição de inflexões similar no som.

Paronomásia ou palavras rítmicas (Gn 18.27). Repetição de palavras similares em som, mas não no sentido. Semelhança entre palavras de diferentes línguas, indicativa de uma origem comum.

Patopéia (Lc 19,41,42). Expressão que demonstra sentimentos ou emoções. Figura com que se procura comover, excitar as paixões.

Perífrase ou circunlóquio (Gn 20.16; Jz 5.10). Quando se descreve em vez de se nominar. Emprego de muitas palavras, para exprimir o que se poderia dizer mais concisamente; circunlóquio, rodeio de palavras.

Perístase ou descrição de circunstâncias (Jo 4.6). Assunto completo de um discurso, com todas as suas minúcias.

Pleonasmo ou redundância. O que se diz é imediatamente repetido de maneira oposta sem que se perca o sentido. Repetição, no falar ou no escrever, de ideias ou palavras que tenham o mesmo sentido. A figura pode afetar (1) as palavras (Gn 16.8) ou (2) as frases (Gn 1.20; Dt 32.6).

Polionimia ou pluralidade de nomes (Gn 26.34,35; 2 Rs 23.13). Lugares ou pessoas designadas sob nomes diferentes.

Poliptoto ou muitas inflexões. Repetição, num período, da mesma palavra, sob diversas formas gramaticais:

1) Verbos (Gn 50.24; 2 Rs 21.13).

2) Substantivos e pronomes (Gn 9.25; Rm 11.36).

3) Adjetivos (2 Co 9.8).

Polissíndeto ou muitos “e” (Gn 22.9,11; Js 7.24; Lc 14.21). Repetição da letra “e” no começo de cláusulas sucessivas, cada uma delas independente, importante e enfática sem clímax no final.

Prolepse ou antecipação (Hb 2.8). Antecipando-se ao que será, abordando coisas do futuro no presente. Figura pela qual se previnem objeções, fazendo-as antecipadamente a si mesmo e refutando-as logo depois.

- 1) *Prolepse aberta*. Quando o objeto antecipado é respondido e comprovado (Mt 3.9).
- 2) *Prolepse fechada*. Quando o objeto antecipado não está bem claro, declarado ou respondido (Rm 10.18).

Prosopografia ou descrição de pessoas (Mt 3.4). A vívida descrição de uma pessoa em detalhes, como numa foto. (*prosopon* - grego: "personagem (teatro)", quando "pessoa", "indivíduo" em geral.)

Prosopopéia. Coisas representadas como se pessoas fossem.

- 1) Os membros do corpo humano (Gn 48.14; Sl 35.10).
- 2) Animais (Gn 9.5; Jó 12.7).
- 3) Os produtos da terra (Na 1.4).
- 4) Coisas inanimadas (Gn 4.10).
- 5) Reinos, países e estados (Sl 45.12).
- 6) Ações humanas, e atribuições a coisas etc. (Gn 18.20; Sl 85.10). Antônimo: *Antiprosopopéia* ou anti-personificação (2 Sm 16.9).

Protherapeia (Gr Conciliação). Aplacando e conciliando antes de começar a falar alguma coisa.

Protiméseo ou descrição de ordem (1 Co 15.5-8). Enumeração de coisas de acordo com seu lugar de honra e de importância.

Refrão (Sl 136). A repetição da mesma frase depois de sucessivos parágrafos.

Repetição (2 Cr 20.35-37; Jo 14.1-4). Repetição da mesma palavra (s) irregularmente na passagem.

Símile ou semelhança (Gn 25.25; Mt 7.24-27). A declaração de que uma coisa se parece com a outra (cf. metáfora).

Simultânea ou inserção (Ap 16.13-16). Tipo de parêntese histórico, um evento colocado fora de seu lugar histórico entre dois outros e que são simultâneos.

Silepse - mudança ou acordo (Jo 21.12). Figura pela qual as palavras concordam segundo o sentido e não segundo as regras da sintaxe. Emprego de uma palavra no sentido próprio e figurado, simultaneamente.

Silogismo ou omissão da conclusão (1 Sm 17.4-7). A conclusão, inda que implícita não vem expressada, para que a ênfase seja dada.

Símbolo (Is 22.22). Um objeto material que aponta para uma verdade moral ou espiritual.

Sinatroísmo ou enumeração (1 Tm 4.1-3). Figura que consiste em se acumularem numa frase muitos termos de significação correlativa, isto é, muitos adjetivos, muitos verbos etc.

Síncrise ou símile repetida (Is 32.2). Antítese, contraste, oposição. Comparação de duas coisas ou pessoas contrárias.

Sinédoque ou transferência. A transferência de uma ideia por outra associada.

- 1) *Do gênero ou espécie*. Quando o gênero é colocado para a espécie, ou algo que é universal colocado como particular (Gn 6.12; Mt 3.5).
- 2) *Das espécies*. Quando as espécies são colocadas como gênero, ou o que é particular colocado como universal (Gn 3.19; Mt 6.11).
- 3) *Do todo*. Quando o todo é colocado como parte (Gn 6.12).
- 4) *Da parte* quando é colocada como o todo (Gn 3.19; Mt 27.4).

Sinizese ou coabitação (Mt 19.16,17). A repetição da mesma palavra na mesma frase com um sentido ampliado. Pronúncia de duas vogais distintas em um único tempo prosódico, sem fazer ditongo.

Sinonímia ou palavras sinônimas (Pv 4.14,15). A repetição de palavras semelhantes, mas foneticamente diferentes e de outra origem.

Tapeinóse (ver meiose) (Gn 27.44; Rm 4.19). A diminuição de uma coisa para que seja a mesma coisa intensificada.

Taumatopeu (Gr thaumatopoiós) ou maravilhas (Rm 11.33). Uma expressão ou sentimento de maravilha.

Tnese (o mesmo que mesóclise = cortar ao meio) (Ef 6.8). Mudança na qual uma palavra é cortada em duas, e outra colocada entre elas.

Topografia ou descrição de lugar (Is 10.28-32). Lançando luz sobre o assunto tratado referindo-se à localidade.

Tipo (Rm 5.14). Figura ou modelo de algo futuro, mais ou menos profético, chamada antítipo. Ex. Cristo era o antítipo do cordeiro pascal.

Zeugma ou jugo desigual. Quando um verbo é atrelado a dois sujeitos, enquanto gramaticalmente um segundo verbo seja requisitado.

1) *Proto-zeugma* ou ante-jugo (Gn 4.20; 1 Tm 4.3).

2) *Meso-zeugma* ou jugo do meio (Lc 1.64).

3) *Hipo-zeugma* ou jugo final (At 4.27-28).

4) *Sine-zeugmenon* ou Jugo igual (Ex 20.18).

Nota: Extraído da *Companion Bible*

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Uma figura de linguagem indica a forma como a palavra é usada, pelo fato de que palavra ou palavras são usadas fora de seu sentido normal, de lugar, maneira, com o propósito de chamar a atenção ao que está sendo dito. C107
- 2) ☐ O desconhecimento das figuras de linguagem tem levado a erros grosseiros, porque se dá sentido literal ao que é figurativo, ou dando-se sentido figurativo ao que é literal. C107
- 3) ☐ Acróstico são letras que se repetem no começo das palavras ou cláusulas. C108
- 4) ☐ Antítese é a figura de linguagem pela qual se opõem numa mesma frase duas palavras, expressões ou pensamentos, inteiramente contrários. C111
- 5) ☐ Hipérbole ou exagero é a figura de linguagem que ocorre quando se diz mais do que literalmente se pensa. C120
- 6) ☐ Prosopopéia é a figura de linguagem que ocorre quando coisas são representadas como se fossem pessoas. C126

Lição V

As Figuras do Zodíaco à Luz da Bíblia

AS FIGURAS DO ZODÍACO

À LUZ DA BÍBLIA

UMA ABORDAGEM PELA PALAVRA DE DEUS

Nota: Este texto foi traduzido do apêndice 12 da *Companion Bible*, editada em inglês por *Samuel Bagster and Sons Limited*. Qualquer referência tem de ser creditada ao tradutor e aos editores.

Estude este tema sem levar em conta o que dizem os horóscopos. Só pelo fato de todos os dias se ouvir previsões baseadas nos signos do Zodíaco não anula a verdade que a Bíblia apresenta sobre eles.

Para o cristão os astros apontam sempre para Jesus Cristo e a consumação do fim dos tempos; nunca devem ser usados como fonte de adivinhação ou de previsões quanto ao futuro de uma pessoa.

I - INTRODUÇÃO: “OS SINAIS, TAMBÉM”.

A primeira coisa que o Criador mencionou foi o propósito da criação dos corpos celestiais. O texto de Gênesis 1.14-19 mostra que os astros foram criados, não apenas para dividir o dia da noite, e alumiar a terra, mas foram estabelecidos como “sinais” (signos, no latim) e “estações”, para mostrar os dias e os anos. “e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos”.

A figura de linguagem polissemia¹ enfatiza os quatro propósitos unindo-os, o que nos impele a separá-los e a considerar cada um deles separada e independentemente um do outro.

II - SEJAM ELES PARA SINAIS (SIGNOS)

O termo “sinais” vem do hebraico *`ōth* e de *`āthah*, o que vem. Sinais que indicam, portanto algo ou Alguém que *virá*.

Os que entendem os sinais são por estes esclarecidos, mas os que não os entendem se “atemorizam”. *“Nem vos espanteis com os sinais dos céus, porque com eles os gentios se atemorizam”* (Jr 10.2).

As estrelas são enumeradas e todas elas contadas. Existem doze sinais (signos) do Zodíaco, chamados de “as estrelas” em Gênesis 37.9 (onze das quais se prostraram diante de José, a 12^a).

A palavra zodíaco quer dizer “graus” , “degraus” ou “passos” que assinalam a passagem do sol pelos céus e que correspondem aos doze meses do ano.

As estrelas foram todas enumeradas por Deus: “Conta o número das estrelas, chamando-as todas pelo seu nome” (Sl 147.4).

Muitos dos nomes das estrelas ficaram perdidos ao longo do tempo, mas cerca de cem nomes foram preservados nos idiomas árabe e hebraico, e são usados pelos astrônomos até os dias de hoje, se bem que estes desconheçam o sentido dos seus nomes.

¹ Qualidade das palavras que variam de sentido.

Muitos nomes são bem conhecidos nas páginas da Bíblia, ainda que a tradução seja meramente especulativa. Por exemplo em Jó 9.9: “Quem fez a Ursa, o Órion, o Sete-estrela e as recâmaras do Sul...”.

No hebraico o nome é *`āsh* (Arcturo - traduzido na Revised Version como Urso), ² *kesil* (Revised Version, Órion), *kimāh* (plêiades). Em Jó 38.31-33: “Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela ou soltar os laços do Órion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco ou guiar a Ursa com seus filhos? Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?”.

As anotações às margens dos manuscritos chamam-na de *mazzārōth*, os doze sinais, os sinais do zodíaco. Compare com 2 Reis 23.5: “Os que incensavam a Baal, ao sol, e à lua, e aos mais planetas, e a todo o exército dos céus”.

E aqui aparece a mesma palavra hebraica *`āsh* – arcturo com seus filhos; na versão revisada como o urso com seu trenó, sendo que as versões são incorretas quanto aos nomes. Veja Isaías 13.10: “Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz”.

E Amós 5.8: “Procurai o que faz o Sete-estrela e o Órion, e torna a densa treva em manhã, e muda o dia em noite; o que chama as águas do mar e as derrama sobre a terra; Senhor é o seu nome”.

Esses nomes e os doze “sinais” remontam à fundação do mundo. A tradição judaica preservada por Flávio Josefo assegura que esta astronomia bíblica teria sido inventada por

² Estrela fixa de primeira grandeza da constelação do Boieiro, situada no prolongamento da Ursa Maior.

Adão, Sete e Enoque. Evidências podem ser vistas em Gênesis 11.4 na Torre de Babel “cujo topo chegasse aos céus”.

As palavras, “chegar aos céus”, sem dúvida, referem-se aos sinais do zodíaco, desenhados no topo da Torre, como o zodíaco no templo de Dendera e de Esnéh no Egito.

As “tábuas da criação” babilônicas referem-se aos astros, e seu sentido antigo pode haver se corrompido ou perdido.

O mesmo ocorreu com a mitologia grega, que é a corruptela de uma verdade primitiva que foi perdida ou pervertida.

Temos de nos lembrar que o texto bíblico escrito teve início em Moisés, digamos em 1490 a.C. e assim, por mais de 2.500 anos, a revelação da esperança que Deus prometeu em Gênesis 3.15 foi preservada no nome das estrelas e seu agrupamento nos signos e constelações.

São agrupamentos praticamente arbitrários. Nada existe no posicionamento das estrelas que indique que os desenhos normalmente feitos ao redor delas sejam verdadeiros.

Os signos e as constelações foram primeiramente designados e nomeados, e só então os desenhos foram feitos ao redor deles respectivamente. Assim, a verdade foi incrustada e escrita nos céus, onde nenhuma mão humana pudesse tocá-la.

Mais tarde, quando Israel recebeu as Escrituras “da verdade” já não havia necessidade dos antigos escritos dos céus. Assim, o ensinamento original gradualmente cedeu, e os pagãos, tiraram conclusões do que haviam aprendido pela tradição, e se envolveram em suas cosmogonias e mitologias.

O Salmo 19 contém uma vívida referência a esses livros de revelação. Por isso existe uma mudança substancial e repentina sobre o tema a partir do versículo 7.

Uma mudança que deixa perplexo e emudece o mais hábil comentarista bíblico.

O ensinamento é preservado na estrutura do Salmo, em que temos:

A – vv 1-4 – Os Céus

B – vv 4-6 – “Neles, o sol”

A – vv 7-10 – As Escrituras

B – vv 11-14 – “Neles, o teu servo”

Nessa estrutura cada linha enfatiza a elaboração do propósito ou do desígnio. Pois, enquanto na primeira metade todos os termos são *literários*, na outra metade são todos termos de astronomia, unindo assim as duas porções do Salmo num todo harmônico.

Quanto ao sentido das palavras, o próprio Salmo explica. Notamos aqui que a primeira parte não se refere à maravilha da criação, mas a êloquência do *ensinamento* e da *revelação*: Eles “declaram”; contam, narram (Gn 24.66; Sl 71.15).

Eles declaram, falam, mas sem palavras, e no hebraico tem o sentido de “proferir”, “anunciar”, como Salmo 97.6: “Os céus anunciam a sua justiça” (Gn 3.11; Sl 111.6). Profetizam dia e noite.

E o que profetizam? Que conhecimento manifestam? Que tipo de glória nos anunciam?

A resposta está em Gênesis 3.15 que é o tema central de toda profecia: A vinda daquele que, ainda que tenha de

sofrer, deverá, no fim esmagar a cabeça da velha serpente, o Diabo.

Mas, onde devemos abrir este livro? Onde devemos penetrar neste círculo dos signos zodiacais?

Pela “precessão dos equinócios”³ o sol gradualmente muda de posição um pouquinho a cada ano, até que, em cerca de dois mil anos o ano começa num signo diferente.

Isto foi predito. E também foi predito que cada sucessão de gerações não saberia onde nem quando o sol começa seu curso, onde se inicia o ensinamento deste Livro Celestial, e onde devemos abrir sua primeira página.

Por isso as “esfinges” foram erguidas como memoriais. Tinha a cabeça de uma mulher, corpo e cola de um leão, dizendo-nos que este Livro, escrito nos Céus, começou com o signo de “Virgem”, e terminará com o signo de “Leão”.

A palavra esfinge procede do grego *sphingo*, *participar*; porque une os dois extremos do círculo nos céus.

São doze os Signos, o número da perfeição governamental ou “governo”. Compare com Gn 1.18 que diz “para governarem...”.

O Livro celestial está dividido em três livros de quatro capítulos cada (ou signos), sendo doze o resultado de 3x4, isto é, verdade divina operando nos céus e na terra.

Cada livro, portanto, consiste de quatro signos e são todos arranjados, estruturados, todos da mesma maneira. Cada um deles é uma introversão. E assim, temos os três livros:

³ Ocorrência antecipada dos equinócios em cada ano sideral sucessivo devida ao lento movimento retrógrado dos pontos equinociais ao longo da eclíptica;

PRIMEIRO LIVRO. O REDENTOR

(Sua primeira vinda)

A – VIRGEM – A profecia da semente prometida.

B – LIBRA – A obra do Redentor (graça).

B – ESCORPIÃO – O conflito do Redentor.

A – SAGITÁRIO – O cumprimento da profecia.

SEGUNDO LIVRO. OS REDIMIDOS

(Sua obra e seus resultados)

C – CAPRICÓRNIO – A profecia da libertação.

D – AQUÁRIO – Os resultados da obra obtidos;
auferidos.

D – PEIXES – Os resultados da obra obtidos.

C – ÁRIES - A libertação anunciada se cumpre.

TERCEIRO LIVRO. O REDENTOR

(Sua segunda vinda)

E – TOURO – A profecia do juízo vindouro.

F – GÊMEOS - O reino do Redentor em glória.

F – CÂNCER - Segurança dos redimidos que foram
conquistados.

E – LEÃO – A profecia sobre o triunfo se cumpre.

Agora veremos cada livro separadamente:

PRIMEIRO LIVRO. O REDENTOR

“Os sofrimentos de Cristo”

I – VIRGEM (A).

A profecia da semente prometida.

1. COMA. (= O desejado). A mulher e a criança, o desejado de todas as nações (nos mais antigos zodiacos).
2. CENTAURO. (Com duas naturezas). A oferta pelo pecado desprezada.
3. BOÖTES ¹. A vinda daquele com um ramo.

II – LIBRA (B).

A obra expiatória do Redentor.

1. CRUX. (CRUZ). Suportando a cruz.
2. LUPO. (LUPUS). A vítima é sacrificada.
3. CORONA. A coroa adquirida.

III – ESCORPIÃO (B)

O conflito do Redentor.

1. SERPENTE (SERPENS). Ferindo o calcanhar do homem.
2. OFÍOCO. (OPHIUCHUS). O homem agarrando a serpente.
3. HERCULES. O homem poderoso obtém a vitória.

IV – SAGITÁRIO (A)

O triunfo do Redentor

1. LIBRA (LYRA). Louvores preparados pra o conquistador.
2. ARA. Fogo preparado para seus inimigos.
3. DRAGÃO (DRACO). O dragão é expulso.

¹Constelação do hemisfério norte (Gr. Bootes “boiadeiro” de *boos* “novilho”. Na mitologia grega é um homem segurando dois cães por uma correia, aparentemente latindo para a Ursa Maior. A estrela mais brilhante é Arturo.

Vejamos o segundo livro:

SEGUNDO LIVRO. OS REDIMIDOS

I – CAPRICÓRNIO (C).

Resultados dos sofrimentos do Redentor

1. SAGITÁRIO (SAGITTA). A seta de Deus é lançada.
2. AQUILA. O esmagado cai (por terra).
3. DELFINO (DELPHINUS) O que fora morto ressuscita.

II – AQUÁRIO (D).

As bênçãos garantidas.

1. PEIXE AUSTRAL (PISCIS AUSTRALIS). As bênçãos adquiridas.
2. PEGASO (PEGASUS). As bênçãos vêm rapidamente.
3. CIGNO (CYGNO). O abençoador, realmente retorna.

III – PEIXES (D).

Aguardando as bênçãos até a vinda do Prometido

1. A BANDA. O GRANDE INIMIGO (Ceto).
2. ANDROMEDA. Os redimidos em prisão.
3. CEFO (CEPHEUS). O libertador vindo para soltar, libertar.

IV – ARIES (C).

As bênçãos finalmente consumadas

1. CASSIOPEIA. Os cativos libertos.
2. CETO. O grande inimigo é preso.
3. PERESEU. O “Rompedor” libertando.

O terceiro livro:

TERCEIRO LIVRO. O REDENTOR

A Glória que seguirá.

I – TOURO. (E)

O Messias vindo para reinar

1. ORION. O Redentor rompendo como a luz.
2. ERIDANO. A ira rompendo como dilúvio.
3. AURIGA. Segurança para os redimidos no dia da ira.

II. GÊMEOS. (F).

O Messias como Príncipe dos príncipes.

1. LEPO (LEPUS). O inimigo pisado sob os pés.
2. CÃO MAIOR. A vinda do glorioso Príncipe.
3. CÃO MENOR. O Redentor exaltado.

III. CÂNCER. (F).

A herança dos redimidos pelo Messias

1. URSA MENOR. O rebanho menor.
2. URSA MAIOR. O campo e o rebanho.
3. ARGO. Os peregrinos chegam em casa.

IV. LEÃO. (E).

O triunfo do Messias consumado.

1. HIDRA. A velha serpente destruída.
2. CRATER. O cálice da ira derramado.
3. CORVO. Os pássaros carnívoros devoram.

Observe que nomes modernos são usados aqui, mas apenas para que o leitor os identifique. Alguns desses nomes foram dados por pura ignorância por pessoas que perderam o sentido antigo dos doze signos e das trinta e seis constelações.

Os nomes arábicos e hebraicos desses signos e das principais estrelas que os compõem estão repletos de verdade e eloquência em seus ensinamentos. Assim, passaremos a expor as principais estrelas que fazem parte de cada signo e sua relação com o plano de redenção da humanidade.

O Material está sob o título: Os signos e suas estrelas.

OS SIGNOS E SUAS ESTRELAS À LUZ DA BÍBLIA

NOTA DO TRADUTOR: O signo em **NEGRITO** é a estrela que lidera com as demais estrelas de sua constelação.

Falamos anteriormente que os nomes arábicos e hebraicos desses signos e das principais estrelas que os compõem estão repletos de verdade e eloquência em seus ensinamentos. Assim, passaremos a expor as principais estrelas que fazem parte de cada signo e sua relação com o plano de redenção da humanidade.

Vejamos o **1ª LIVRO** que é composto pelos signos de **Virgem, Libra, Escorpião e Sagitário**, e as estrelas que fazem parte deles. À seguir o signo está em **NEGRITO E SUBLINHADO**, e as estrelas em *ITÁLICO e SUBLINHADO*.

VIRGEM. (A virgem). Aqui temos a estrela *Al Zimach*. No hebraico, *Zemach*, o ramo, ou traduzido como “renovo” (Is 4.2; Jr 23.4-5; Zc 3.8; 6.12). Todas as demais estrelas têm nomes similares. As estrelas que compõem são:

COMA. O desejado (Ag 2.7). No egípcio é *Shes-um* = o filho desejado. “Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro” (Nm 24.17).

CENTAURO. *Al Beze*, o desprezado (Is 53.3).

BOÖTES. (Heb. *Bōʿ*, *o que vem*) e no hebraico Arturo (Jo 9.9 = *ele vem*). No egípcio é *Smat*, o que reina. “Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas” (Sl 96.3).

LIBRA. Em idiomas antigos era o *Altar* (no acádio = *Tuki*). As duas estrelas brilhantes são conhecidas hoje no idioma arábico como *Zuben AL Genubi* = o preço que é deficiente, e *Zuben AL Chemali* = o preço que compra ou cobre a oferta. As estrelas são:

CRUX – CRUZ. No hebraico *kārath*, *cortado* (Dn 9.26).

LUPO. Nome grego *Thera*, a besta. No latim, *Victima*. No hebraico *zābath*, imolado. No zodíaco de Dendera é *Sujra*, um cordeiro.

CORONA. Hebraico *ʾātarath*, coroa real. Árábico é *Al iclil*, jóia. A estrela brilhante é *Al phena*, o que brilha.

ESCORPIÃO. No hebraico *àkrab* (Sl 91.13). O nome no cóptico é *Indis* – o ataque do inimigo. No arábico = *Al atherah* – a ferida naquele que virá. A estrela mais brilhante é *Antares*, (no arábico – fermento). Hebraico: *Lezuth*, perversidade. As estrelas são:

SERPENS – SERPENTE. A estrela mais brilhante é chamada no hebraico de *ānak* – envolvimento. E no hebraico serpente tem o sentido de amaldiçoado (*kelālāh*). No arábico é *Al hay*, o réptil.

OFIOCO – OPHIUCHUS – Palavra que vem do árabe *Afeichus* – a serpente sendo agarrada. A estrela mais brilhante é *Rās AL hagus* – a cabeça de quem o segura. Outros nomes são *Megera*, contenda. No zodíaco de Dendera é ele é *Api-bau* – o chefe que vem. Outras estrelas são *Triophas* – pisado sob os pés; *Saiph* – esmagado e *Carnebas*, esmagado.

HÉRCULES. No zodíaco de Dendera é chamado de *Baú* – que vem. No árabe é *Al giscale*, o que é forte. A estrela mais brilhante é *Rās AL Gethi* – a cabeça daquele que esmaga.

SAGITÁRIO. No hebraico *keseth* (arqueiro) (Gn 21.20). A estrela mais brilhante no hebraico é *channun* – o agraciado (Sl 45.2). No acádio é *Nun-ki*, Príncipe da terra, e no zodíaco de Dendera é¹ é *Pi-maere* – graciosidade e *Knem* -, Ele conquista. As estrelas são:

LIBRA (LYRA) - Sl 65.1. A estrela mais brilhante é *Veja* – Ele será exaltado. No zodíaco de Dendera é *Fent-kar* a serpente governada., Originalmente era uma águia, devido a confusão entre o hebraico *nesher* e *shir* (cântico ou música).

ARA. Um altar de cabeça pra baixo, apontando para Tártaro (Is 63.4,5). No árabe *Al mugamra* – Completude ou Consumação (Sl 21.9-12).

¹ O Zodíaco de Dendera é representa uma carta do Céu, tendo como base as constelações do Zodíaco. (in, Le Zodiaque d'Osiris, S. Cauville). O Zodíaco de Dendera é, peça mais importante do departamento das antiguidades egiptologias do museu do Louvre, entusiasma o espírito humano desde décadas. Descoberto em 1799 pelo general Desaix, tendo sido Vivant Denon o primeiro a estudar o Zodíaco com exatidão, dele obteve desenhos e figuras. No entanto teria que esperar alguns anos para que pudesse decifrar o significado dos seus hieróglifos, pois Jean-François Champollion ainda não tinha descoberto a chave para a leitura dessa escrita tão característica. (fonte: portaldoastronomo.org).

DRAGÃO (DRACO). Termina o primeiro livro. O dragão é lançado por terra. CETO encerra o segundo livro (veremos adiante), em que Leviatã é amarrado. HIDRA encerra o terceiro livro. A velha serpente é destruída. Dragão: Pisado com os pés (Sl 91.13; 74.12-14; Is 27.1). No zodíaco de Dendera é uma serpente sendo pisada pelo dedão do pé direito de Sagitário e é chamado de *Her-fent* – a serpente amaldiçoada. A estrela mais brilhante é *Thuban* – o sutil.

2º LIVRO

CAPRICÓRNIO. O bode da expiação. No zodíaco de Dendera e de Esneh ele é *Hu-penius* = lugar do sacrifício. Hebraico *Gedi*, o rapaz, ou *Gãd`ã*, cortado. A estrela mais forte é *Al-gedi* = o rapaz. A próxima é *Deneb AL gedi* = sacrifício do rapaz.

SAGITA, O arco (Sl 38.2; Is 53.4-5). No hebraico *Shamad* ou *Shamem* = destruindo.

AQUILA, a águia, flechada e ferida, caiu. A estrela mais forte é *Al-tair* = ferimento. As demais estrelas têm sentido parecido.

DELFINO, (GOLFINHO). Sempre um peixe cheio de vida, de cabeça erguida. Do hebraico *Dãlaph* = o que vem derramando e saindo d'água. Do arábico *Dalaph* = vindo rapidamente.

AQUÁRIO. No zodíaco de Dendera é possui duas urnas ou vasos. O peixe parece sair de uma deles. Nome hebraico é *Dãli* = pode de água ou balde, que fala que “águas manarão de seus baldes” (Nm 24.7). A estrela brilhante é

Sa'ad al Melik = o registro do derramamento. A próxima é *Sa'ad al Sund* = que vai e retorna (compare com Isaías 32.1-2; 35.1,6; 41.18; 44.2-6; 51.3).

PEIXE AUSTRAL (PISCES AUSTRALIS). O peixe do austral, ou meridional. Do arábico *Fom al haut* = a boca do peixe. No zodíaco de Dendera é *Aar* = ribeiro, córrego.

PEGASO. O cavalo alado. No zodíaco de Dendera **Pe** e **kA** = *Peka* ou *pega*. No hebraico *Pehãh* = o chefe e *sus*, um cavalo. A estrela mais forte é *Markab* no hebraico *merhak* = retornando de longe.

CIGNO. No zodíaco de Dendera é *Tes-ark* = o que vem de longe. Poderoso pássaro que não morre como Águila. A estrela mais brilhante é *Deneb* = o juiz, chamada também de *Adige* = que tem um voo suave; a segunda é *Al Bireo* = voando ligeiro; duas outras: *Azel* = que sai e retorna rapidamente, e *Fafage* = que brilha gloriosamente.

PEIXES. O nome egípcio no zodíaco de Dendera é *Pl-cot Orion* ou *Pisces Ori* = os peixes, isto é, cardume ou multidão daquele que vem. No hebraico *Dãgim*, os peixes (Gn 48.16). O nome siríaco *Nuno* = que dura, ou que sobrevive para a posteridade. Confira Isaías 53.10; Sl 33.12; 37.22; 115.14-15; Is 61.9; 65.23; 26.15; 9.3; Jr 30.19; Ez 36.10-11; 37.26. Observe os dois peixes = o chamamento terrestre e o celestial (um dos peixes está na horizontal e o outro na vertical olhando pra cima). Existem 113 estrelas nesta constelação da mesma magnitude. A estrela mais forte é *Okda* = a unida. A próxima com nome arábico é *Al samaca* = erguido ou levantado. Isaías 41.8-10.

A BANDA. (LAÇO OU CORREIA). O nome egípcio *U-or* que significa: Ele vem amarrando-os juntamente (Os 11.4), e rompendo o laço que os prendia ao velho inimigo *Ceto*.

ANDRÔMEDA. No zodíaco de Dendera o nome é *Set* cujo sentido é de estar assentado como rainha. Também *Sirco*, o acorrentado. A estrela mais brilhante é *Al Phiratz* = o que foi quebrado. A outra estrela é *Mirach* = fraco (a). Ainda outra estrela é *Al amok* que no arábico quer dizer, caído, derrotado (Is 54.11-14; 51.21a 52.3; Jr 14.17).

CEFO (CEPHUS). O rei. No zodíaco de Dendera é *Pe-ku-hor* = Este vem pra reinar. *Cepheus* é a palavra grega do hebraico *zemah* = o Renovo. O nome etíope é *Hyh* = o rei. A estrela mais brilhante é *Al Deramin* = vindo rapidamente. A estrela próxima é *Al Phirk* = O Redentor. A outra estrela é *Al Raí'* = que amassa ou rompe (Jr 31.1)

ÁRIES. O Carneiro ou cordeiro cheios de vigor. Não caindo morto como Capricórnio. O nome no zodíaco de Dendera *Tametouris Ammon* = reino ou governo de Amom. Nome hebraico: *Tāleh* = o cordeiro. Arábico é *Al Hamel*, a ovelha. No siríaco *Amroo*, como em João 1.29. O nome acádio era *Bar-Ziggar*, que quer dizer, o altar erigido = o sacrifício da justiça. A estrela mais brilhante é *El nath* ou *El natik*, = ferida ou sacrificada. A outra estrela é *Al Sharatan* = ferida ou machucada (Veja Ap 5.9-12).

CASSIOPEIA. A mulher entronizada. No arábico é *El seder* = O libertado. No zodíaco de Dendera é *Set* = sentada como rainha. No arábico *Ruchba* = o entronizado. A estrela mais brilhante é *Schedir* = libertado (a). A outra

é *kaph*, no hebraico Renovo (Is 54.5-8; 62.3-5; Jr 31.3-12; Sl 45.9-17; Is 61.10-11).

CETO. O monstro do mar. O grande inimigo é preso (Ap 20.10; confira com 20.1-3). No zodíaco de Dendera o nome é *Knem* = subjugado. A estrela mais forte é *Menkar* = o inimigo é acorrentado. A outra estrela é *Diphda* ou *Deneb Kaitos* = lançado para longe ou lançado fora. Outra estrela é *Mira* = o rebelde. (Jó 41.1-10; Is 51.22,23; 26.21a 27.1; Sl 74.12-14).

PERSEU. O rompedor. Hebraico *Perez*. No grego *Perses* ou *Perseu* (Rm 16.12; Mq 2.12-13). No zodíaco de Dendera o nome é *Kar knem* = aquele que luta ou subjuga. A estrela mais brilhante é *Mirfak* = o que ajuda. A outra estrela é *Al Genib* = *que carrega pra longe*. E ainda a outra estrela é *Athik* = *que rompe*.

3º LIVRO

TOURO. Vinda do Messias para julgar. No caldeu é *Tör*. Procede daí o nome arábico *Al Thaur*; o nome grego é *Taurus*. No latim, *Taurus*. O nome hebraico comum é *Shur* que quer dizer, vindo para reinar e julgar, e também vem de *Reem* = preeminência. A estrela mais forte é *Al Debaran* = líder ou governador. A próxima estrela é *El nath* = ferida ou sacrificada. O grupo Plêiade é *Kimah* = montão ou acúmulo. (Jó 9.9; 38.31-32; AM 5.8). Uma estrela brilhante é *Al Cyone* = o centro. Os nomes hebraicos e siríacos é *Sucot* = cabanas. Outro grupo de estrelas é *Hyades* = os congregados (Dt 33.17; Sl 44.5; Is 13.11-15; 34.2-8; 26.21).

ÓRION. O Príncipe que virá. A luz irrompe através do Redentor. No zodíaco de Dendera é *Há-ga-t* = Este é aquele que triunfa. No hebraico, *Oarion* sendo que

‘Or é luz; rompendo como a luz (Jó 9.9; 38.31; Am 5.8). No hebraico *Kesil* = aquele que é forte (traduzido como Órion em Jó 9.9; 38.31; Am 5.8). A estrela mais forte é *Betelgeuz* = a chegada do Renovo (MI 3.2). A próxima é *Rigel* ou *Rigol* = o pé daquele que esmaga. A outra estrela é *Al Nitak* = o ferido. Existem muitas outras estrelas com nomes de sentido semelhantes. (Veja Is 42.13,14; 60.1-3).

ERIDANO. O rio do julgamento. No zodíaco de Dendera é *Peh-ta-t* = boca ou foz do rio. A estrela mais forte é *Achernar* = A outra metade do rio. Assim, com os demais nomes, vai em direção fluindo às regiões baixas do sul (Dn 7.9-11; Sl 97.3-5; 50.3; Hc 3.5; Is 30.27-33; Na 1.5-6; Is 66.15,16; 2 Ts 1.7-8).

AURIGA. O PASTOR. (Is 40.10,11; Ez 34.22). Auriga = o que conduz a carruagem. A estrela mais forte é *Alioth* = cabrita. O nome latino moderno é *Capella* – que tem o mesmo sentido. A outra estrela é *Menkilinon* = rebanho de cabritos ou bodes; juntos para não mais se extraviarem (Jo 10.11). No zodíaco de Dendera o pastor carrega um cetro (*Trun*) no alto do cetro um bode e na parte inferior uma cruz (MI 4.1-3; Sl 37.38-40).

GÊMEOS. No zodíaco de Dendera é *Clusus* ou *Claustrun* *Hori* = o lugar daquele que virá. O nome antigo na linguagem cóptica era *Pl-mahi* = o unido. No hebraico *Thaumim* (procede de *ta-’am* = duplo. A raiz é usada em Êxodo 26.24 “separadas, mas ajustadas”. A estrela mais forte é *Apolo* = governador ou juiz. Ao lado desta vem *Hercules* = que vem para trabalhar e sofrer. Outra estrela é *Al Henah* = ferida, machucada (Is 4.2; 32.1,2; Jr 23.5,6; 33.14,15).

LEPO. O inimigo pisado sob os pés. No zodíaco de Dendera o nome é *Bashti-beki* = caindo, confuso. Arato afirma, “perseguido eternamente”. A estrela mais forte é *Arnebo* = o inimigo daquele que virá. Outras estrelas são *Nibal* = o irado; *Rakis*, amarrado; *Sugia*, o enganador (Is 63.3,4).

CÃO MAIOR. No siríaco, o Príncipe. No zodíaco de Dendera é *Apes*, a cabeça. No planisfério persa é um lobo, no hebraico *Zeeb*. A estrela mais brilhante é *Sirius* = o Príncipe. No persa é também *Tistrya* ou *Tistar* = O chefão. A próxima estrela é *Mirzam* = o Príncipe. Outra estrela é *Wesem* = que brilha, e ainda outra *Adhara* = o glorioso. Existem muitas outras estrelas com nome que são cognatos (Is 49.24-26; 59.19,20; 53.12).

CÃO MENOR. O segundo cão. No zodíaco de Dendera é *Sebak* = conquistando, vitorioso. A estrela mais forte é *Procyon* = Redentor. A outra é *Gomeisa* (arábico) = o que está carregando o fardo dos outros. Existem muitas estrelas de nomes com o mesmo sentido (Is 49.24-26; 59.19,20; 53.12).

CÂNCER. O caranguejo. A herança do Messias assegurada com rapidez. No zodíaco de Dendera e de Enesh é um escaravelho sagrado. O nome que tem ali é *Klaria* = curral. O nome arábico é *Al Sart'an* = aquele que segura, amarra ou une (Gn 49.11). O nome grego é *Karkinos* = abraçando ou envolvendo. O mesmo com a palavra latina *câncer*, que procede do arábico *Khan* uma hospedaria e *Ker* ou *Cer* = abraçando, envolvendo. A palavra do acádio antigo é *Su-kul-na* = o que prende que junta ou é dono da semente. A multidão de estrelas cintilantes é *Praesepe* = multidão ou rebentos. A estrela mais brilhante é

Tegmine = segurando. Outra é *Acubene* = abrigo ou esconderijo. Outra estrela é *Ma'alaph* = congregação de milhares. O *praesepe* do norte e do sul são duas estrelas brilhantes, *Asselus* (norte), e *asselus* (sul). O sinal deles é chamado de os dois mulos, assim ligando-os a câncer que o é signo de Issacar (Gn 49.14; Nm 2.5).

URSA MENOR. O pequeno urso = o menor dos rebanhos de ovelhas. A estrela mais brilhante da Ursa Menor é *Dubheh* = manada, rebanho. No arábico *Dubheh* significa gado. No hebraico *Dober*, um rebanho, procede de *dobe'* = descanso ou segurança, traduzido como "força" em Deuteronômio 33.25. Tudo aponta para isto (Jz 5.16). Hebraico *Dōb* – urso. No arábico *Dub* e no persa *Deeb* ou *Dob*. Por isso a confusão. A estrela mais brilhante é *Al riccaba* = o que saiu ou fugiu, mostrando ser uma estrela polar. Os gregos a chamavam de *kunosoura* = Cynosure, mas esta é uma palavra acácia. *An-nas-sur-ra* = que se levanta alto, ou alto na posição celeste. A próxima estrela brilhante é *Kochab* = aguardando aquele que retornará.

URSA MAIOR. O grande urso. O aprisco, curral, e o rebanho (Ob 17-19). Em Jó 9.9 e 38.31-32 é chamado de 'Ash e seus rebentos. Ou como diz na versão revisada, Arcturo e seus filhos. O urso e seus rebentos. No arábico é chamado de *Al Naish* ou *Annaish* = que se reúnem como num aprisco. A estrela mais brilhante é *Dubhe* = um rebanho, que dá seu nome às duas constelações. A outra estrela é *Merach* = o rebanho (arábico, comprado). A outra é *Phaeda* ou *Pharda* = contados ou guardados (Sl 147.4). Outra estrela é *Benet Naish* = filhas da assembléia ou congregação. Outra estrela é *Al Kaid* =

os reunidos. E muitas outras com nomes cujos sentidos são semelhantes (Ez 34.12-16).

ARGO. O navio = os peregrinos chegam salvos à casa. No planisfério egípcio existem dois navios (como os dois rebanhos). Ocupam metade do meridiano sul. A mais brilhante estrela é *Canopus* = a herança daquele que virá. Outros nomes são *Sephina* = a multidão. *Tureis* = possessão ou herança. *Asmidiska* = o liberado que viaja, etc. Veja Jr 30.10, 11; Is 60.4-9).

LEÃO. O triunfo final do Messias. No zodíaco de Dendera é *Pi Mentikeon* = o derramar da (ira divina). As três constelações cristalizam a verdade:

1. Hidra. A velha serpente é destruída.
2. Cratera. O cálice da ira é derramado.
3. Corvo. Os pássaros carnívoros os devoram.

O desenho de Dendera mostra os quatro em um só. O nome siríaco é *Aryo* = o leão resgatado. Árabe, *Al asad* = o leão pulando como chama. A estrela mais brilhante é *Regulus* = pisoteado sob os pés, conforme retratado no desenho. A outra estrela é *Dencbola* = o Juiz ou Senhor que virá. A outra é *Al Giebha* = exaltação. Outra é *Zosma* = brilhando. Todas as demais são cognatas. (Gn 49.8,9; Nm 24.8,9; Am 3.4,8; Is 42.13).

HIDRA. A velha serpente. *Hidra* = ele está aborrecido, cheio de ódio. A estrela mais brilhante é *Cor Hydra* = o coração de hidra. Seu nome antigo é *Al Phard* = dispensado. *Minchar al Sugia* é o nome de outra estrela que quer dizer = penetrando como flecha o enganador.

CRATERA. O cálice da (ira derramado) (Sl 75.8; 11.6; Ap 14.10; 16.19). A constelação (pasmem!) tem 13 estrelas.

CORVO. Ave de rapina. As aves de rapina devorando a presa. No zodíaco de Dendera o nome é *Her-na* = o inimigo ataca. Existem nove estrelas (Nm 23.8) = amaldiçoado. Outra estrela é *Minchar al Gorab* = as aves de rapina despedaçando.

Assim, terminam as Escrituras Celestiais. Esta é a história que relatam. É a linguagem que falam. É o conhecimento que transmitem. Sem palavras, ou vozes, mas a voz pode ser ouvida em toda a terra (Sl 19.1-6).

FORAM ESTABELECIDOS PARA ESTAÇÕES

As estrelas não foram estabelecidas apenas como sinais (signos) (*Ooth* – da raiz de *’āthāh* – que vem), mas para estações. Não se tratam das quatro estações do ano, mas de ciclos de tempos. A figura de linguagem, *polissemia* em Gn 1.14 enfatiza isto: “*e para estações, e para dias e anos*”. A palavra quer dizer tempos futuros (Gn 17.21; 18.14; 21.2) e estações, ou tempos indicados.

Existem pelo menos dez desses ciclos, todos diferentes. E não são concêntricos, no entanto, todos eles coincidem com a criação, mas não desde aquele tempo. Assim como muitos objetos, ou cintas e cintos de diferentes tamanhos dependurados num prego. Isto indica que devem ter tido um começo simultâneo.

1. O ciclo de 24 horas do dia – manhã e noite.
2. O movimento da lua ao redor da terra.
3. O ciclo lunar, que começa no mesmo momento do ciclo solar.
4. O movimento diário do sol, que o coloca no meridiano ao meio dia, todos os dias.

5. O ciclo solar que coincide com o primeiro dos sete anos do movimento lunar, repetindo-se a cada 365 dias.
6. O início de uma semana de sete dias no primeiro dia da semana, no primeiro mês do primeiro ano do primeiro ciclo solar.
7. O primeiro eclipse de um ciclo de dezoito anos e onze dias, que os antigos astrônomos chamaram de *Saros*. Cada *Saros* tem uma média de setenta eclipses, divididos em duas partes de 594 anos e 666 anos, somando juntos 1.260 anos.
8. Além destes existe o período do surgimento heliacal de Sirius, num ciclo de 162 anos.
9. O percurso de Vênus.
10. E o grande ciclo conhecido como Precessão dos Equinócios.

Tudo isto combina e se une pra mostrar que a cronologia do Irlandês Usher (1581-1656), estava substancialmente correta.

ATIVIDADES – LIÇÃO V

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Para o cristão os astros apontam sempre para Jesus Cristo e a consumação do fim dos tempos; nunca devem ser usados como fonte de adivinhação ou de previsões quanto ao futuro de uma pessoa. C133
- 2) ☐ O termo “sinais” vem do hebraico *’ôth* e de *’ăthah*, o que vem. Sinais que indicam, portanto algo ou Alguém que *virá*. C134

- 3) ☐ A palavra zodíaco quer dizer “graus”, “degraus” ou “passos” que assinalam a passagem do sol pelos céus e que correspondem aos doze meses do ano. C134
- 4) ☐ Muitos dos nomes das estrelas ficaram perdidos ao longo do tempo, mas cerca de cem nomes foram preservados nos idiomas árabe e hebraico, e são usados pelos astrônomos até os dias de hoje, se bem que estes desconheçam o sentido dos seus nomes. C134
- 5) ☐ Muitos nomes são bem conhecidos nas páginas da Bíblia, ainda que a tradução seja meramente especulativa. Por exemplo, em Jó 9.9: “Quem fez a Ursa, o Órion, o Sete-estrela e as recâmaras do Sul...”. C135
- 6) ☐ A primeira coisa que o Criador mencionou foi o propósito da criação dos corpos celestiais. O texto de Gênesis 1.14-19 mostra que os astros foram criados, não apenas para dividir o dia da noite, e alumiar a terra, mas foram estabelecidos como “sinais” (signos, no latim) e “estações”, para mostrar os dias e os anos. “e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos”. C133

Anotações:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

James Hastings, Dictionary of the Apostolic Church, Vol II, Scribners, edição de 1918.

P. Fairbairn, The Tipology of Scripture, 2 Volumes, editado em Edinburgo em 1864.

The Companion Bible, edição em inglês de 1974 publicado por Samuel Bagster, Londres.

Ada Habershom, Manual de Tipologia Bíblica, Editora Vida.



O ensino teológico além das fronteiras.

**Rua Antônio José de Oliveira, 1180 – Vila São Carlos
Caixa Postal 241 - 86800-490 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003 / Celular: (43) 9960-8886
E-mail: contato@cetadeb.com.br
Site: www.cetadeb.com.br**